

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

SAMUEL JUVENCIO RIBEIRO GILLEN

**O TERRORISMO E SEUS IMPACTOS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CONTEMPORÂNEAS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA EVOLUÇÃO DO
TERRORISMO DESDE O SÉCULO 18 ATÉ E SUA ENTRADA NA ERA DA
INFORMAÇÃO NO SÉCULO 21.**

RECIFE

2024

Samuel Juvêncio Ribeiro Gillen

O TERRORISMO E SEUS IMPACTOS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA EVOLUÇÃO DO TERRORISMO DESDE O SÉCULO 18 ATÉ E SUA ENTRADA NA ERA DA INFORMAÇÃO NO SÉCULO 21.

Trabalho de conclusão de curso (TCC) com enfoque no avanço do terrorismo ao longo dos anos, desde sua existência até os dias de hoje dominados pela era da informação. Projeto como exigência parcial para graduação no curso de Relações Internacionais da Faculdade Damas da Instrução Cristã.

RECIFE

2024

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

G476t Gillen, Samuel Juvêncio Ribeiro.
O terrorismo e seus impactos nas relações internacionais contemporâneas: uma análise a partir da evolução do terrorismo desde o século 18 até e sua entrada na era da informação no século 21 / Samuel Juvêncio Ribeiro Gillen. – Recife, 2024.
62 f. : il. color.

Orientador: Prof.^a Ms. Maria Eduarda Buonafina.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2024.
Inclui bibliografia.

1. Terrorismo. 2. Tecnologia. 3. Estados. 4. Relações internacionais. 5. David Rapoport. 6. Kenneth Waltz. I. Buonafina, Maria Eduarda. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2024.2-012)

SAMUEL JUVÊNIO RIBEIRO GILLEN

**O TERRORISMO E SEUS IMPACTOS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CONTEMPORÂNEAS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA EVOLUÇÃO DO
TERRORISMO DESDE O SÉCULO 18 ATÉ E SUA ENTRADA NA ERA DA
INFORMAÇÃO NO SÉCULO 21**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Relações Internacionais, sob a orientação da Prof. Ms. Maria Eduarda Buonafina

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dr.

Dr.

Orientador(a)

Prof. Ms. Maria Eduarda Buonafina

RECIFE

2024

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda a questão do terrorismo nas relações internacionais e como este vem se evoluindo desde o século 18 até os dias de hoje. O objetivo principal deste trabalho é, através da visão de David Rapoport sobre as ondas do terrorismo desde seu surgimento até hoje, analisar como este ator não estatal nas relações internacionais contribui para as mudanças políticas dos estados e como este deve estar adentrando nos próximos anos em uma nova onda. Somando a este conceito de Rapoport, utilizamos a teoria realista baseada em Kenneth Waltz para explicar como o comportamento dos estados está ligado a estes fatores externos, que no nosso trabalho nos referimos ao terrorismo. Para chegar a esta conclusão, foi utilizada uma abordagem qualitativa de revisão bibliográfica. Como conclusão, foi percebido que o terrorismo é um ator das relações internacionais muito difícil de ser desconstruído e que o mesmo se apropria das novas tecnologias para conseguir melhorar sua estrutura.

Palavras-chave: terrorismo; tecnologia; estados; relações internacionais; David Rapoport; Kenneth Waltz.

ABSTRACT

This final thesis addresses the issue of terrorism in international relations and how it has evolved from the 18th century to the present day. The main objective of this work is, through David Rapoport's perspective on the waves of terrorism from its inception to today, to analyze how this non-state actor in international relations contributes to the political changes of states and how it is expected to enter a new wave in the coming years. In addition to Rapoport's concept, we use the realist theory based on Kenneth Waltz to explain how state behavior is linked to these external factors, which in our work refers to terrorism. To reach this conclusion, a qualitative approach through a bibliographic review was employed. In conclusion, it was observed that terrorism is a very difficult actor to deconstruct in international relations and that it appropriates new technologies to improve its structure.

Keywords: terrorismo; technology; states; international relations; David Rapoport; Kenneth Waltz.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Grupos terroristas mais importantes da segunda onda.....	23-24
Quadro 2: Medidas a serem realizadas contra o terrorismo.....	37
Quadro 3: Estimativa de gastos dos ataques terroristas no século 21.....	39
Quadro 4: Temas relacionados ao terrorismo mais comentado em 2015 no Facebook.....	53
Quadro 5: Desafios dos estados no controle do ciberespaço.....	55
Imagem 1: Famílias desalojadas na cidade de Mossul.....	33
Imagem 2: Infraestrutura danificada na cidade de Mossul.....	34
Imagem 3: Países com empregos ameaçados por Inteligência Artificial.....	58

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	JUSTIFICATIVA	10
3	PROBLEMATIZAÇÃO	11
4	REFERENCIAL TEÓRICO	15
5	OBJETIVOS	17
5.1	Objetivo geral	17
5.2	Objetivos específicos	17
6	METODOLOGIA	18
7	AS ONDAS DO TERRORISMO DESDE O SÉCULO 18 ATÉ O SÉCULO 21	19
7.1	Introdução	19
7.2.1	A primeira onda	21
7.2.2	A segunda onda	22
7.2.3	A terceira onda	24
7.2.4	A quarta onda	25
8	O COMBATE AO TERRORISMO NO CENÁRIO MUNDIAL	29
8.1	O Realismo no combate ao terrorismo	32
8.2	A Inteligência como forma de combate ao terrorismo	34
8.3	A sociedade internacional junta no combate ao terrorismo	35
8.4	Surgimento de novas tecnologias e o combate ao novo	39
9	A QUINTA ONDA: O TERRORISMO NO CIBERESPAÇO	43
9.1	Conceito de terrorismo cibernético	47
9.2	Grupos terroristas e os Estados no mesmo ciberespaço	49
9.3	Terrorismo e as redes Sociais	52
9.4	Ciberterrorismo e Segurança	53
9.5	O ciberespaço e as novas tecnologias como causas de uma nova onda	55
10	CONCLUSÃO	59
	REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

No âmbito das RI temos vários atores que influenciam as relações entre países e seus meios de como lidar com as questões que surgem relacionadas aos mais variados temas, entre eles a segurança. Um dos atores de maior relevância neste contexto são os grupos terroristas, como afirma Alberto Mendes Cardoso: Terrorismo e segurança em um estado social democrático de direito, 2002.

Contando com a evolução dos interesses e métodos de atuação destes grupos podemos levantar a pergunta sobre o fato do terrorismo estar ou não indo para uma nova onda, um novo modelo de atuação.

Neste trabalho será apresentado o estudo que visa mostrar que o terrorismo passa por várias ondas, sempre se inovando e mostrando suas várias faces. No ano de 2024, 23 anos após o maior ato terrorista visto até hoje, o ataque do 11 de setembro 2001 nos EUA, o terrorismo praticado naquele momento permanece o mesmo?

Para fazermos essa análise e concluir nosso estudo será analisado o fenômeno do terrorismo a partir do 11 de setembro 2001 até o ano de 2024 com a eclosão do novo conflito entre Israel e Hamas a partir do 7 de outubro de 2023.

Analisar os padrões do terrorismo, ao longo dessas duas décadas é o objetivo principal deste trabalho. Mostrar que o terrorismo não é algo estático, que permanece sempre atuando da mesma maneira com o mesmo intuito sempre.

Entender as tendências que surgem e as novas ferramentas que se colocam a disposição destes determinados grupos é fundamental para poder prever novas formas de atuação. Na era da informação, o uso da internet é uma nova ferramenta para que esses grupos passem a expandir sua forma de recrutamento e também evoluindo seus ataques para a área digital e não somente se limitando aos ataques físicos.

O surgimento de novas tecnologias que podem estar tirando muitos empregos no mundo se coloca como um terreno fértil para os possíveis novos terroristas da quinta onda a partir da segunda metade do século 21.

Para chegar nesta conclusão será usado o método de pesquisa qualitativo, com a técnica de análise histórica usando como material de estudo o livro de David

Rapoport: As quatro ondas do terrorismo moderno. Além de artigos e análise de documentos para servir de base para o estudo do caso.

2 JUSTIFICATIVA

É importante salientar que as relações internacionais são formadas por vários atores, sendo eles estatais ou não. Os grupos terroristas se caracterizam neste contexto como ator não estatal que exerce uma importante influência nas relações entre os países. Da última década para hoje houve mudanças significativas na vida humana. O avanço da tecnologia e da dependência da tecnologia faz deste terreno um campo fértil para novos métodos de atuação dos grupos terroristas. Compreender como o terrorismo digital pode ultrapassar hoje em dia o terrorismo físico, sendo capaz de desestabilizar nações apenas com o uso da informação, do hackeamento de dados, interrupção ou controle de serviços vitais para um país.

A relevância de entender esta mudança recai sobre assuntos políticos, econômicos e sociais. Esses que no mundo globalizado de hoje não são apenas importantes para o país ou nação afetada pelo terrorismo em si, mas para todos ao redor do mundo.

O presente trabalho busca atrair a atenção para uma nova realidade quanto ao assunto, contribuindo para a descoberta de um novo modelo de terrorismo moderno deixando de ser apenas fundamentalista religioso.

3 PROBLEMATIZAÇÃO

Ao estudar os grupos terroristas como atores das RI é importante que o reconhecemos como um fenômeno não necessariamente ligado a algum tipo de religião. E sim de um ator que se usa das características básicas inerentes ao ato de terror sendo elas a violência, alvos civis e objetivos políticos.

O ponto de partida deste estudo é justamente mostrar com base em dados que o terrorismo foi sempre ligado as relações internacionais, moldando a mesma de acordo a necessidade de combater esta variável cada vez mais presente. As formas como o terrorismo evolui ao longo da história se tornando cada vez mais preparado e violento, novas formas de financiamento por parte de outros atores interessados em obter seus objetivos, mas sem poder mostrar sua face.

Considerando os grupos terroristas como um ator presente há muito tempo nas RI, tendo seu surgimento, na época da revolução francesa com a instauração do regime de terror, Bruce Hoffman (2006). Na qual se praticava o extermínio de adversários políticos. Passando por terrorismo estatal, exemplificado por ele pelos regimes fascistas na Itália, nazista na Alemanha e stalinista na antiga União Soviética. Neste caso o terrorismo era praticado por parte do Estado contra seus próprios cidadãos. Para contextualizar os cenários do terrorismo podemos usar o seguinte exemplo:

[...] a participação da sociedade secreta Mão Negra no assassinato do herdeiro do trono austríaco; Ira, sob o comando de Collins, nos anos 2000, o surgimento do terrorismo religioso com a revolução islâmica, culminando com os atentados perpetrados pela Al-Qaeda em Nova York, Washington, Londres e Madri (Visacro, p. 279).

Ao longo dos anos foi evoluindo e passando a representar novos interesses, no qual podemos considerar que após o período da segunda guerra mundial o terrorismo passou a representar interesses de cunho nacionalista e libertários como nos casos da Argélia e Palestina. Fortes grupos se destacavam nesta época praticando atos ao redor do mundo e se especializando em ações de sequestro com manutenção de reféns. Usando como exemplo o grupo terrorista liderado por Illich Ramirez Sanchez conhecido como Carlos o Chacal que veio a sequestrar em Viena

no ano de 1975 o sequestro de onze ministros da OPEP. O intuito era justamente o revolucionário e de libertação, agindo neste atentado em prol da Palestina.

Grupos terroristas têm se prestado ajuda mútua desde o início da década de 1970. O Exército Vermelho Japonês realizou o massacre no Aeroporto de Lod, em Israel, em maio de 1972, em nome da Frente Popular para a Libertação da Palestina. Separatistas bascos assassinaram um membro de alto escalão do regime de Franco com uma bomba fornecida pelo Exército Republicano Irlandês. Membros da Frente Popular para a Libertação da Turquia e vários outros grupos terroristas receberam treinamento da Frente Popular para a Libertação da Palestina, que, por sua vez, recebeu treinamento na União Soviética, no que alguns chamaram de 'a teoria da disseminação do terrorismo internacional'. De fato, foi através da FPLP que a gangue Baader-Meinhof desenvolveu laços independentes com o Exército Vermelho Japonês (Miller, 1985, p 11).

Passando este momento mais revolucionário, surge uma nova denominação do terrorismo, o narcoterrorismo, (Rapoport, 2022). Com o surgimento de ações cada vez mais cruéis e organizadas por parte dos cartéis de drogas na América Latina, como por exemplo o abate do voo 203 da companhia aérea colombiana Avianca no ano de 1989 por parte do cartel de drogas liderado por Pablo Escobar afim de assassinar o candidato à presidência e líder nas pesquisas, Cesar Gaviria.

Com o início dos anos 2000 podemos destacar o começo da radicalização do islamismo com grupos cada vez mais potentes como o Al Qaeda e o Taliban. Grupos este que começam a se organizar como organizações internacionais não estatais, capazes de mobilizar pessoas ao redor de todo o mundo para serem treinados e preparados para o combate em nome do Djihad, (Rapoport 2022)

Liderados pelo terrorista Osama Bin Laden, a Al Qaeda se configura como o berço de todos os grupos terroristas fundamentalistas ao redor do mundo. Se configurando como uma enorme rede de conexão com membros espalhados por todos os países. Culminando no ataque terrorista de grande proporção, o 11 de setembro de 2001 nos EUA. Após este atentado, nota-se o fato de todos os grupos ao redor do mundo quererem usar a bandeira da Al Qaeda como se esta fosse uma marca, um modelo a ser seguido. E desta forma o terrorismo foi evoluindo ao longo dos anos, vendo o surgimento de outros movimentos fundamentalistas como o Estado Islâmico, todos estes discípulos do já enfraquecido Al Qaeda.

Neste sentido, a fim de aprofundar o estudo sobre o caso, usaremos como base o pensamento de Rapoport sobre as ondas do terrorismo. Segundo Rapoport 2022 o

fenômeno do terrorismo se caracteriza por ondas pelas quais este vai passando e evoluindo. A onda se caracteriza por um determinado espaço de tempo em que as atividades terroristas se dão de forma internacional. Ou seja, acontecendo no mesmo modelo ao redor do mundo

Para o autor do livro “As quatro ondas do terrorismo”, o tempo de uma onda é a duração de uma geração, ou seja, 40 anos. Tendo em vista que em torno de 40 anos é o tempo que o ser-humano tem desde o começo de sua vida adulta até o tempo onde começa a se tornar menos produtivo. Sendo o tempo de uma geração o suficiente para uma ideia surgir, ter seu apogeu e por fim perder sua energia e ser substituída.

Logo, podemos considerar o tema de estudo sobre as novas ondas do terrorismo como um tema já discutido no âmbito das RI. Pesquisadores renomados como David Rapoport (2022) e Bruce Hofman (2006) já tem materiais publicados para este estudo de caso. E com a constante mudança das relações internacionais, com o surgimento de novos atores e a evolução dos atores já inseridos no jogo, é de suma importância que passamos a analisar a possibilidade do surgimento de uma nova onda de terrorismo no mundo moderno. Levando em consideração que durante a guerra fria, vários grupos terroristas sobreviviam graças à demanda que suas ações tinham por parte de países importantes no contexto da guerra fria. Terceirizando suas ações contra adversários para estes grupos. Como foi o caso do terrorista Carlos O Chacal.

Quais interesses estes grupos irão defender desta vez neste novo contexto que nos aproxima, com o avanço da tecnologia, a substituição da mão de obra humana para a tecnológica e o surgimento de novos atores como candidatos a serem peça chave na nova ordem mundial, tais como China e Rússia. Para isso, analisar as ondas passadas nos ajudará a entender as possíveis ondas futuras.

O novo mundo moderno, cada dia mais dependente da internet, nos leva também para um novo campo de atuação daqueles que buscam praticar atos terroristas contra outros. Se apropriar de sistemas necessários para um país e controlá-los, se caracterizaria bem em um novo modelo de terrorismo.

O próprio parlamento brasileiro recrimina os atos de interferir, sabotar ou danificar sistemas de informática ou bancos de dados, com motivação política ou

ideológica, com o fim de desorientar, desembaraçar, dificultar ou obstar seu funcionamento, (Projeto de Lei no Senado nº 272, de 2016). Deixando deste modo clara a intenção de incluir o mundo da informação também sob o amparo legal para o defender dos atos terroristas digitais.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico do estudo tem como base a análise feita e apresentada por David C. Rapoport, com sua teoria baseada na evolução a partir da constituição de ondas terroristas. Seu trabalho publicado sob o título “The Four Waves of Modern Terrorism” (As Quatro Ondas do Terrorismo Moderno), é apontado como um dos mais influentes estudos sobre terrorismo na atualidade, por renomados pesquisadores, tanto por parte daqueles que compartilham do mesmo ponto de vista como também os que divergem dele. O autor desenvolve o pensamento que através da análise das diferentes ondas, permitindo comparar semelhanças entre eles será possível traçar um perfil evolutivo do terrorismo e chegar até o surgimento de uma nova onda.

Rapoport atenta para o fato de que no mundo moderno o terrorismo não é mais uma variável isolada e já faz parte do sistema global e das relações internacionais sendo caracterizado como um importante ponto das relações internacionais, exercendo influência direta e indireta sobre as políticas nacionais e externas dos países. E neste contexto a teoria apresenta as fases desses grupos terroristas, onde o autor coloca que a “onda” constitui um ciclo de atividades em um dado período. Tendo como principal característica o caráter internacional; isto é, atividades semelhantes que ocorrem em vários países, dirigidas por uma energia comum predominante que formata as características dos grupos participantes e suas relações mútuas (Rapoport, 2022).

Entretanto podemos dizer que as conclusões acerca da duração de cada onda tiradas por Rapoport se basearam na observação de parâmetros evidenciados em eventos passados, quando as condições do ambiente principalmente no que diz respeito ao tráfego de informações, como o restrito alcance e abrangência da mídia, em comparação com os dias atuais, dificultava a manutenção do apelo da mensagem terrorista em meio aos simpatizantes e seguidores. Por isso, a aplicação desse parâmetro na atual onda pode gerar conclusões imprecisas. E neste contexto se faz importante destacar a entrada do terrorismo no mundo digital. Mundo este que lhe oferece não somente melhores condições de se expandir e de se manter, mas também de abranger suas áreas de atuação dentro do mundo digital.

Nesse sentido, a doutrinação constante e agressiva de jovens e crianças, bem como o uso intensivo de ferramentas de tecnologia da informação (TI) para a

disseminação da mensagem terrorista atuam diretamente na manutenção do apelo contido nessa mensagem e, em consequência, provocam o retardamento da contração da atual onda, estendendo-a por período superior a uma geração. Mas não deixando de lado a possível necessidade de tipificar o novo modo de agir dos terroristas como uma nova onda.

A internet veio para oferecer às organizações terroristas um novo meio de atuação com a exploração de redes informáticas. A dependência dos estados com a informática os faz mais vulneráveis a ataques tendo em vista a utilização cada vez maior de aceder e partilhar informação.

Portanto ao aplicar a teoria das quatro ondas do terrorismo de Rapoport (2006), podemos ver o avanço do terrorismo e aplicar a teoria para nosso objeto de estudo que busca evidenciar o surgimento de uma nova onda. Usando o tempo de vida útil de cada onda segundo a teoria de Rapoport e analisando as variáveis existentes, como o avanço da informática podemos traçar as condições para um novo momento do terrorismo. Para analisar o terrorismo também utilizaremos os conceitos de Eugênio Diniz (2002) quando o mesmo conceitua terrorismo como uma forma de intimidação que emprega o terror para atingir um fim político. Para mostrar as ações dos Estados no cenário internacional será empregada a Teoria Realista baseada no autor Kenneth Waltz (1979).

Tendo em vista que as ferramentas de TI podem alcançar todos os países do mundo e por meio delas pode-se cometer inúmeros possíveis atos terroristas, que vão desde o recrutamento, treinamento e manutenção dos seus ideais vivos nas redes, até partir para ataques digitais desestabilizadores contra os estados alvos.

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo geral

Analisar os avanços do terrorismo desde o século 18 até o século 21 com suas várias ondas e como este mesmo, principalmente a Al-Qaeda, já está inserido no ciberespaço.

5.2 Objetivos específicos

- Analisar as ondas passadas do terrorismo
- Apresentar a forma de combate aos grupos terroristas no cenário mundial atual?
- Apresentar como o terrorismo se apropriou da tecnologia para se manter e avançar

6 METODOLOGIA

O estudo será realizado, principalmente, por meio de uma pesquisa bibliográfica, pois baseará sua fundamentação teórico-metodológica na investigação sobre os assuntos que dizem respeito sobre a evolução do terrorismo e seus impactos nas Relações Internacionais em livros, manuais e artigos de acesso livre ao público em geral. O campo de análise do presente estudo são os impactos causados pelo terrorismo no atual cenário global no qual as principais amostras que serão utilizadas são do tipo não probabilísticas, sendo elas os Estados e os grupos terroristas. As amostras que serão utilizadas são as ações terroristas no cenário global e os procedimentos adotados por esses grupos, hoje no mundo informatizado, onde o digital já faz parte da vida física e material. Trazendo uma visão mais clara da situação atual do mundo globalizado em relação aos impactos causados no seio da sociedade Internacional. A coleta de dados para embasar o presente estudo se dará através de uma pesquisa descritiva e bibliográfica na literatura disponível, tais como livros, manuais, revistas especializadas, jornais, artigos, internet, monografias, teses e dissertações, sempre buscando os dados pertinentes ao assunto. Nessa oportunidade, serão levantadas as fundamentações teóricas para a comprovação da hipótese levantada. Devido ao fato de se tratar de um trabalho de término de curso, a ser realizado em aproximadamente seis meses, o método escolhido é adequado e possibilitará o alcance dos objetivos propostos no presente Projeto de Pesquisa.

7 AS ONDAS DO TERRORISMO DESDE O SÉCULO 18 ATÉ O SÉCULO 21

7.1 Introdução

O terrorismo é um assunto conhecido mundialmente, mas apesar de todo o conhecimento popular acerca do assunto o conceito de terrorismo até hoje ainda não é um consenso no mundo.

Segundo Walter Laqueur (2001) define-se o terrorismo como o uso da força afim de atingir determinado objetivo político com a vitimização de inocentes. Mas considerando fatores culturais, ideológicos e religiosos o uso da força resultando em vítimas inocentes para atingir determinado fim se justifica para alguns estados enquanto para outros não passa de um ato de crueldade e covardia.

Para listar alguns exemplos do que é o conceito de terrorismo seguiremos descrevendo a fala de Yasser Arafat presidente da Organização de libertação da Palestina OLP na Assembleia da ONU de 1974 quando o mesmo fala:

[...] a diferença entre revolucionário e o terrorista está no motivo pelo qual cada um deles luta. Isso porque quem quer que assuma posição por uma causa justa e batalhe pela liberdade e pela libertação de sua terra do jugo de invasores, assentadores e colonizadores não pode de modo algum ser chamado de terrorista (Arafat, 1974).

A ONU através da sua Resolução n 49/60 da Assembleia Geral que trata das medidas para erradicar terrorismo internacional, descreve-o da seguinte maneira:

Os atos criminosos destinados a provocar um estado de terror no grande público, num grupo de pessoas ou determinadas pessoas para fins políticos são, em qualquer circunstância, injustificáveis, quaisquer que sejam as considerações de ordem política, filosófica, ideológica, racial, étnica, religiosa ou qualquer outra natureza que possa ser invocada para justificá-los (ONU, 1994).

Portanto, usando as duas referências acima citadas podemos deduzir que o conceito de terrorismo não é um consenso. Mas sua recorrência vem sempre sendo condenada pela ONU ou por outros fóruns de segurança regional. De certa forma podemos partir do princípio de que no entendimento do mundo ocidental as ações terroristas sejam entendidas como justamente a vitimização de pessoas inocentes com o objetivo claro de interferir ou impedir ações de determinado governo. Partindo do princípio que com um número grande de vítimas após um atentado, a população local pode entender que o governo não tem condições de garantir sua segurança, fazendo com que ela se revolte contra ele. O terrorismo tal como o conhecemos e o

caracterizamos hoje é capaz de desestruturar os governos alvos, abalando com seus atos suas expressões de poder. Por mais que não seja considerado o maior causador de mortes no mundo, os ataques por eles promovidos são provedores de medo e instabilidade nos locais atingidos, passando por respingos do ataque na economia do país afetado e também pelas vidas perdidas.

7.2 A evolução das ondas

Para melhor contextualizar o estudo sobre as ondas do terrorismo ao longo da história, será necessário viajar de volta no tempo e compreender como surgiu o termo e quais ações motivaram essa denominação. Mostrando que é um termo muito mais antigo do que os mais modernos atentados a bomba e o mais proeminente terrorismo fundamentalista.

No século 18, mais precisamente no ano de 1789 no momento da revolução francesa temos um marco para o terrorismo. O líder jacobino Robespierre defendeu a violência como necessária para a transformação revolucionária. Anos depois ele afirma que “os virtuosos princípios da revolução eram impotentes sem o terror, Robespierre 1794”. O regime de terreur estabelecido por ele foi responsável pela execução de mais de 12 mil opositores que na guilhotina foram executados. Sendo neste contexto em que pela primeira vez poder ser visto o que hoje se denomina “terrorismo de estado”.

O “Terror” ou o “Período do Terror” é popularmente conhecido como o ponto de 1793 e 1794, quando Robespierre e os jacobinos promoveram assassinatos, prisões e perseguições de opositores. Como não existe consenso quanto a cronologia do fenômeno e nem quanto a sua definição, a essencialização da ideia de “Terror” serviu para fins políticos diversos, sendo comparável, por exemplo, ao terrorismo e ao comunismo no pós-guerra (Biard, 2020).

No início do século 20 viu-se o agravamento de atentados terrorista com viés nacionalista como foi o caso que acabou dando origem a Primeira Guerra Mundial sendo ele o assassinato do arquiduque do Império Austro-húngaro, Ferdinando, em 1914, pela organização Mao Negra de cunho nacionalista. Alguns anos mais tarde a revolução russa também passou a apoiar e financiar grupos terroristas alinhados ideologicamente.

O terror bolchevique se espalhou pela Rússia europeia como uma pestilência bíblica, meses antes de Dzerzhinsky declarar publicamente 'Nós defendemos o terror organizado' e uma campanha oficial de terror do governo foi formalizada pela ordem 'Sobre o Terror Vermelho' em setembro de 1918.

Prisões arbitrárias, fuzilamentos em massa, tortura e prisão eram um elemento integral da política bolchevique muito antes dos exércitos antibolcheviques se reunirem (Bisher, 2009).

Nos anos 1970 o alvo de ataques passou a ser o recém-criado estado de Israel. Estado este rodeado por países árabes e que por ter expulsado os palestinos de seu território gerou a ira de árabes em defesa da Palestina cometendo vários atentados. Entre eles o mais famoso o atentado das Olimpíadas de Munique, em 1972. Nos anos 1980, surgiram outros grupos terroristas inspirados pela revolução islâmica do Irã. Dentre eles destacamos aqui o Hezbollah no Líbano e o Hamas na Palestina que popularizaram os ataques de forma sistemática contra o estado de Israel.

Para Hoffman, o primeiro atentado do terrorismo firmemente internacional foi o sequestro do avião da companhia israelense, em 1968, por terroristas palestinos (Hoffman, 2006).

No fim do século 20 várias mudanças passaram a acontecer de forma simultânea. O fim da guerra fria com o conseqüente fim da bipolaridade, o surgimento da internet como meio de comunicação mais veloz, a globalização a todo vapor e o neoliberalismo no seu auge. Todos estes acontecimentos complexos deram espaço para o surgimento do terrorismo fundamentalista islâmico. Grupos que em todos os sentidos repudiam o modelo de vida vigente, liderado pelos Estados Unidos com seu liberalismo, capitalismo e consumo em massa e buscam por meio de atos terroristas impor ao mundo uma sociedade baseada nas leis do livro sagrado islâmico, o Corão.

Para David Rapoport (2022) existem ao longo da história um total de quatro ondas de terrorismo internacional. Na qual cada uma tem sua característica, motivações, apoiadores e meios de agir próprios com uma existência de aproximadamente 40 anos entre uma e outra. A seguir elencamos com mais detalhe cada uma delas:

7.2.1 A primeira onda

Para Rapoport (Rapoport 2022) a primeira onda seria no final do século 19 na Rússia, a onda anarquista proposta doutrinariamente e estrategicamente por Mikhail Bakunin e Sergey Nechayev, se estendendo até os anos 1920. Englobando a luta de vários grupos sendo eles anarquistas, nacionalistas e revolucionários.

No início do século 20 o Partido Socialista Revolucionário promoveu na Rússia uma onda de terror com o intuito de tirar do poder o czar Nicolau II. Por sua vez, o partido liderado por Lenin, fez uso do terror através de expropriações proletárias para angariar fundos para a revolução comunista.

Segundo Goncalves e Reis (2017) outros movimentos em todo o mundo, incluindo a luta armada no Brasil, passaram a seguir a doutrina empregada na Rússia. O uso do terror para uma rápida destruição do Estado e implantação de seus interesses era o modus operandi dos movimentos da época. Assassínatos individuais e explosões a bomba em locais públicos faziam parte da cartilha.

Como exemplos desta época podemos citar o ataque a bomba à Câmara dos Deputados de Paris em 1892, o ataque a bomba ao Jornal Los Angeles Times nos Estados Unidos em 1910. O assassinato do rei Umberto I em 1900 na Itália e o assassinato do 1º Ministro Antonio Cánovas del Castillo em 1897 na Espanha. São alguns dos exemplos que podemos citar de como estes métodos terroristas eram amplamente utilizados ao redor do mundo.

Para nomear os principais grupos terroristas da primeira onda podemos citar o movimento Mão Negra da Sérvia que lutava pela independência da Bósnia-Herzegovina e a criação do reino eslavo. A Federação Revolucionária Arménia que lutava contra o império Turco Otomano e os Fenianos que lutavam por sua vez pela independência da Irlanda do Reino Unido.

Para Rapoport, (2022) a primeira onda pode ser caracterizada por uma forte influência revolucionária e de uso de propaganda para promover a causa. O terrorismo seria o meio mais rápido para atingir de forma efetiva a ordem existente.

7.2.2 A segunda onda

A segunda Onda tem como motivação principal a luta pela descolonização contra os colonizadores europeus, nos chamados movimentos pela libertação nacional. Fase esta que tem seu início logo após a Primeira Guerra Mundial e se estende até os anos 1960.

Segundo Rapoport (2022) os grupos revoltosos, chamados até então de terroristas, mudaram para “combatentes da liberdade”. As técnicas de guerrilha, por sua vez, foram amplamente utilizadas para se opor às forças dos exércitos imperialistas. Realizando atentados tanto em solo colonial como também nas

metrópoles, como forma de espalhar a causa por todos os níveis sociais envolvidos.

O termo “terrorista” segundo Gonçalves e Reis (2007, p 34), seria utilizado de forma pejorativa na época que os combatentes preferiram se afastar deste nome a fim de dar mais legitimidade a sua luta uma causa justa.

Mas não podemos deixar de destacar que inúmeros países tanto no Oriente Médio como na África e na Ásia conseguiram sua tão sonhada independência por meio de uso do terrorismo da segunda onda. Movimentos estes que se destacavam da primeira onda tais como as que listaremos abaixo:

- A substituição do termo “terrorista” pelo termo “combatentes da liberdade” para poder atrair mais simpatizantes à sua causa e justificar os atos de terror em nome da nobre causa da autodeterminação e independência.

- Financiamento externo de colonos ou outros estados simpatizantes à causa

- Assassinatos de membros das forças policiais por serem considerados representantes do estado opressor.

Para melhor elencar as organizações terroristas desta época, o quadro abaixo nomeia as principais delas e suas respectivas causas e técnicas empregadas:

Quadro 1: Grupos terroristas mais importantes da segunda onda

Grupo/Pais/Ano	Causas	Técnicas
Irish Republican Army (IRA) Irlanda - 1921	Libertação da Irlanda e da Irlanda no norte do Reino Unido	Atentados a bomba contra população Protestante, civis e militares
Irmandade Muçulmana Egito - 1928	Libertação do Egito dos colonizadores britânicos	Ataques terroristas contra os britânicos no Egito
Viet Minh China - 1941	Libertação da Indochina da ocupação francesa	Assassinatos de lideranças e de agentes públicos; e guerrilha rural
Mau Mau Quênia - 1952	Independência do Quênia do Reino Unido	Ataques contra colonos ingleses e outras etnias colaboradoras
Irgun Palestina - 1931	Criação de Israel dentro da Palestina sob domínio do Reino Unido	Atentados a bomba Contra militares britânicos e civis

OLP - Palestina - 1964	Libertação da Palestina da ocupação de Israel	Ataques com táticas de guerrilha contra cidadãos israelenses no mundo todo
------------------------	---	--

Fonte: Gonçalves apud Reis, 2017, p. 34).

7.2.3 A terceira onda

Conforme Rapoport (2022) a terceira onda teria surgido nos anos 1960 tendo como base a disputa ideológica travada na época entre capitalismo e comunismo. Discussões acirradas acerca do assunto com movimentações sociais principalmente no âmbito dos estudantes e operários, levaram as pessoas à luta.

A vitória comunista na Guerra do Vietnã contra os Estados Unidos, deu impulso ao surgimento de vários grupos terroristas na Europa e na América Latina, promovendo a luta contra o modelo capitalista. Dando nome ao movimento que se tornará conhecido como a “nova onda de esquerda”. Apesar de Rapoport não mencionar de tal maneira, a expansão deste pensamento teve grande influência do Partido Comunista Soviético como também pelas teorias chinesas e cubanas para a tomada de poder.

Mesmo em países estabilizados da Europa ocidental, os movimentos de inspiração comunista surgiram para afrontar instalações ou pessoas ligadas aos Estados Unidos, como também a Organização do Tratado do Atlântico Norte e de multinacionais símbolos do capitalismo sem contar os inúmeros civis afetados por esses atos.

Para citar as organizações que possuíam estas características trazemos a Facção Exército Vermelho na Alemanha Ocidental, o Exército Vermelho no Japão e a Ação Direta na França. Nos países tidos como de Terceiro Mundo os grupos tinham uma inspiração marxista-leninista onde pretendiam estabelecer um governo socialista como forma de dar solução para a desigualdade observada na região. Movimentos importantes como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, o Tupac Amaru no Peru e a Vanguarda Popular Revolucionária no Brasil são alguns dos movimentos proeminentes da época.

No âmbito da terceira onda do terrorismo é importante salientar que após o término da guerra do Vietnã, a Organização pela Libertação da Palestina (OLP)

assumiu o posto de herói para os demais grupos. Devido a derrota dos exércitos árabes na Guerra dos Seis Dias, A OLP passou a contar com grande apoio dos países árabes e da União Soviética, estabelecendo campos de treinamento no Líbano e aumentando sua área de influência. Com isso passou a promover o treinamento de outros grupos terroristas ao redor do mundo.

No Brasil, segundo Rapoport (2022), o principal líder desta onda foi Carlos Marighella que reuniu os conhecimentos básicos para montar a estrutura de um grupo terrorista, a atuação tática e modelos de inteligência, como também as características necessárias ao revolucionário. Tudo isso compilado no seu mini manual do Guerrilheiro Urbano, livro este que teve seu alcance fora do Brasil chegando a ser utilizado por grupos na Europa como por exemplo o Exército Republicano Irlandês (IRA).

Neste contexto, observamos que a terceira onda foi a que mais ampliou as ações terroristas. Os sequestros de todos os tipos, em aeronaves, navios e manutenção de reféns passou a ser o modus operandi preferido dos grupos da terceira onda. Tendo em vista que essas ações necessariamente demandavam o atendimento por parte das autoridades, das exigências feitas pelos terroristas.

A internacionalização do terrorismo na terceira onda atingiu níveis ainda não vistos na primeira e segunda onda. As interações entre O Exército Republicano Irlandês e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia mostram que os contatos mantidos entre os grupos do outro lado mundo levaram a uma internacionalização dos métodos, táticas e ações ao redor do mundo.

A terceira onda foi marcada pelo maior apelo de organizações supranacionais no sentido de banir os atos terroristas, contando com uma série de decisões das Nações Unidas para reconhecer as ações de sequestro, manutenção de reféns, assassinato de líderes governamentais e ataques a bomba, como crime.

7.2.4 A quarta onda

A quarta onda do terrorismo tem a religião no centro das atenções com força propulsora das motivações terroristas. Nesta onda, o islã está no centro das atenções voltadas para o contexto terrorista. As suas ações a nível internacional são as mais letais e mais comentadas pela sua grandeza e impacto que geram não somente no país alvo, mas em toda comunidade internacional. Entretanto, não devemos deixar de

lado a participação de outras religiões, como por exemplo os atentados ao metro de Tokio, em 1995, no qual o grupo Aum Shinrikyo, que combinava ideias budistas, hindus e cristãos, matou 11 pessoas com um ataque de arma química no Japão.

Apesar de citar outras religiões no contexto da quarta onda, o islã segue sendo a que mais se usa de motivações religiosas para cometer os ataques. A revolução iraniana de 1979 elevou o Irã ao posto de defensor dos muçulmanos no mundo e inimigo do mundo ocidental, liderado pelos EUA. A derrota da União Soviética no Afeganistão abriu espaço para a criação de inúmeros grupos terroristas que se espalharam ao redor do mundo como por exemplo Egito, Síria, Indonésia etc. Sem deixar de mencionar os outros grupos que surgiram nos antigos países da União Soviética, sendo eles. Chechênia, Uzbequistão e Azerbaijão. As atenções do mundo se voltavam para o islã diante da profundidade das fraturas internas dentro do próprio islã e do radicalismo empregado nas suas ações, Rapoport (2022)

A principal tática usada por eles, que representa em maior forma o radicalismo por eles adotado, é o atentado terrorista. Um exemplo que exemplifica a gravidade desse tipo de atentado é o cometido em Beirute, em 1983, contra a base dos Fuzileiros Navais dos EUA, resultando na morte de 241 pessoas. O marco da quarta onde foi o objetivo explícito do islã de expandir a religião para além das fronteiras do mundo árabe.

O apoio dos EUA aos sunitas no Afeganistão, contra a invasão soviética, os colocou a princípio como inimigo dos muçulmanos xiitas, que são os que passaram a deter o poder no Irã após a revolução. Mas pouco depois, principalmente a após a criação da Al-Qaeda, eles passaram a ser alvo de todo o mundo islâmico. Sofrendo atentados contra suas representações diplomáticas ao redor do mundo como por exemplo no Quênia em 1998 e o primeiro atentado em solo americano no World Trade Center, em 1993. Este último, mostrando ao mundo a clara capacidade da Al -Qaeda de ter uma presença além do mundo árabe e principalmente de atuar dentro dos EUA. Tendo como motivo dos atentados o desejo deles de expulsar as tropas e total presença norte americana dos países muçulmanos.

O sucesso do grupo terrorista principalmente após o 11 de setembro levou vários grupos menores a se filiarem à Al Qaeda e também a usarem sua bandeira como se fosse uma franquia. Despertando grande motivação entre os jovens árabes a se filiarem ao grupo, que por meio de um forte e inovador sistema de recrutamento

potencializado pelas ferramentas de tecnologia da informação, conseguiram angariar um número alto de pessoas ao redor do mundo. A internet passou nesse momento também a fornecer materiais didáticos de como confeccionar bombas e organizar um atentado terrorista possibilitando a atuação dos chamados “lobos solitários” mundo afora.

Ao compartilhar informações com outros grupos terroristas, a Al-Qaeda se tornou a "Franquia da Jihad" ao usar a internet para conectar grupos terroristas que vão desde o Grupo Islâmico Armado da Argélia (e mais tarde o Grupo Salafista de Pregação e Combate) até o Jaysh-i-Muhammad do Paquistão, rebeldes chechenos, insurgentes iraquianos ou as células da Al-Qaeda na Indonésia e no Líbano (Weimann, 2004).

Na quarta onda, o grande líder e inspirador dos grupos radicais no mundo, segundo Rapoport (2022) passou a ser Osama Bin Laden. Mas se tratando de motivação religiosa, outros líderes religiosos do mundo árabe também passaram a ser considerados doutrinadores da causa terrorista.

O novo método de divulgação do material terrorista por meio de filmagens que passaram a ser divulgadas nas redes aumentando o alcance. As conversas digitais entre os terroristas aliciando outros por meio de conversas até mesmo em jogos de videogame online, aumentou o serviço de inteligência dos países alvos. Esses novos mecanismos deram aos movimentos terroristas a inovadora capacidade de cometerem atentados coordenados de forma simultânea como foi na Índia em 2008 e em Paris em 2015.

Os ataques iniciais da quarta onda se resumiam apenas aos EUA, mas logo passaram para seus aliados no mundo, principalmente Israel e outros aliados na Europa. O foco passou a ser causar o maior número de vítimas em sua maioria civis sem se importar muito com o lado tático do atentado e sim com o impacto causado na sociedade daquele país.

O financiamento também avançou ao passo que grupos terroristas como o Estado Islâmico, tido como sucessor do Al Qaeda, passaram a dominar campos de petróleo em áreas conquistadas no Iraque e na Síria, operando o mercado negro deste produto, aumentando de forma exponencial seus recursos. Na quarta onda a correlação entre atividades criminosas e o terrorismo ficaram claras e demonstram que a junção de ambas as atividades formaria um círculo vicioso ideal para manutenção do modelo terrorista no mundo. Em relação ao financiamento do Estado Islâmico, além do controle dos campos de gás e petróleo – que geram em torno de

US\$ 2 a 3 milhões diários aos militantes o grupo cobra impostos e pedágios, realiza ex torsião e sequestros (Nasser, 2014).

8 O COMBATE AO TERRORISMO NO CENÁRIO MUNDIAL

Para começar nosso debate sobre o combate ao terrorismo é necessário que deixemos claro o que significa terrorismo para ambas as partes. Neste sentido temos o consenso que para quem pratica o terrorismo, o mesmo é um ato legítimo, mas para quem sofre o ato terrorista, o combate ao mesmo também é um ato legítimo. Partindo deste princípio afirmando que o Estado tem o dever legítimo de combater o terrorismo em seu território com todos os meios que lhe estão à disposição.

Para Andrade (2004), a necessidade de garantir a segurança por parte do estado não o sobrepõe ao direito ao qual ele mesmo tem obrigação de respeitar. Portanto em um Estado de Direito, práticas como detenções ou prisões sem um prazo determinado ou sem a presença de um advogado, interceptações telefônicas ou buscas realizadas sem a devida autorização judicial, discriminação por motivos de raça, nacionalidade ou religião, expulsões e extradições sem as garantias processuais adequadas, não podem ser permitidas.

O combate ao terrorismo é movido primeiramente pelo antiterrorismo, o qual caracterizamos pelas medidas de caráter eminentemente defensivo que objetivam a redução das vulnerabilidades aos atentados terroristas. Já no segundo plano temos o contraterrorismo que por sua vez são medidas de caráter eminentemente ofensivo, tendo como alvo as diversas organizações terroristas em presença, a fim de prevenir, dissuadir, ou retaliar atos terroristas. Como exemplo de cada um destes termos, podemos colocar como parte do antiterrorismo o departamento de Homeland Security dos EUA que busca garantir segurança nas fronteiras, portos e aeroportos. Já o contraterrorismo podemos exemplificar com os bombardeios dos EUA no Afeganistão após o 11 de setembro como forma de matar integrantes do Al-Qaeda.

O combate ao terrorismo envolve mais atividades do que aquelas que, em primeira análise, ostentariam esse rótulo. Inclui uma política externa articulada com governos estrangeiros, agrupamento de Inteligências e trabalho investigativo. Envolve, ainda, medidas financeiras para interromper o financiamento aos terroristas e, algumas vezes, o uso de força armada (Pillar, 2001, p. 49).

Usando os EUA mais uma vez como exemplo, afinal de contas são eles que encabeçam todo o movimento antiterrorista no mundo. Segundo os EUA o uso unilateral da sua força e de todos os meios de combate a disposição do país devem

ser usados como forma de combater os atos terroristas. Porém por mais que sejam o líder nesta luta, esta sua tese não é bem aceita na comunidade internacional. Pelo simples fato de o terrorismo ser transnacional e as organizações estarem entrelaçadas entre si ao redor do mundo. Este fato torna a luta de forma isolada por parte de um estado quase impossível de ter êxito.

Quando falamos de terrorismo, pode-se observar que os atentados aleatórios e transnacionais não atingem somente um país, ou um grupo social, ele faz diversas vítimas e acaba por transbordar as fronteiras, mesmo quando aplicado em um único território. Os atentados de 11 de setembro, por exemplo, fizeram 2977 vítimas, de 77 países, assim tendo abrangência internacional. Com o avanço da globalização os grupos terroristas passaram a ter maior flexibilidade e facilidade em organizar e coordenar suas ações. Esta interdependência faz com que não somente uma vítima seja atingida, mas toda a sociedade. Além disso, o meio de recrutamento se transferiu para o virtual. Existem websites que não somente recrutam, como fazem treinamentos de como implantar bombas e como armar dispositivos para matar militares e civis. São websites de difícil monitoramento do governo e outros são deixados a ser monitorados de propósito. É um constante jogo de gato e rato entre agências e terroristas (Nye, 2009).

Outro ponto importante é o fato de que alguns grupos terroristas, como a Al Qaeda, não possuem hierarquia vertical, tendo sua estrutura dividida por células com certa independência para agir. Sua autonomia permite que ajam sem o conhecimento ou participação de outras células. Isto dificulta a identificação de seus membros, bem como onde estão localizados por parte de agentes de inteligência. A cooperação, portanto, é fundamental para o combate a um inimigo desconhecido, descentralizado e globalizado. O reforço de fronteiras e medidas de segurança nacional são apenas uma parte de toda uma estratégia que deve ser tomada.

Muitos grupos terroristas, como o Hamas e a Al-Qaeda, se transformaram de organizações estritamente hierárquicas com líderes designados para afiliações de células semi-independentes que não têm uma única hierarquia de comando. Ao utilizar a internet, esses grupos vagamente interconectados conseguem manter contato uns com os outros e com membros de outros grupos terroristas. Esses diferentes grupos usam a internet não apenas para trocar ideias e sugestões, mas também para compartilhar informações práticas sobre a construção de bombas, o estabelecimento de células e a execução de ataques (Weimann, 2004).

Nesse contexto, os Estados nacionais, organizações e instituições internacionais discutiram, aprovaram e colocaram em prática uma série de

instrumentos para prevenir, conter e combater o terrorismo. A cooperação tem se mostrado uma ferramenta eficaz neste âmbito, se tornando um dos pilares fundamentais da luta contra o terror.

Os primeiros instrumentos multilaterais para a cooperação antiterrorismo surgiram nos anos 1960, com a Nova Onda de Esquerda em vigor. Na época, a intenção era repreender o sequestro de aeronaves civis. Passados dez anos, em oitenta, o terrorismo tomou outras proporções com ações de sequestros, atentados a autoridades e infraestruturas políticas (Vaz, 2004).

‘Com isso, criou-se o receio de ataques às instalações nucleares, ou até mesmo com este tipo de material e como consequência, os instrumentos de cooperação passaram a visar tais possibilidades, mas sem deixar de lado a segurança de transportes aéreos e marítimos. Este modelo de cooperação seguiu pelos anos noventa e, logo, a Assembleia da ONU criou um regime de jurisdição universal sobre explosivos e instrumentos letais com objetivo de causar danos a pessoas ou instalações públicas. Percebe-se que neste período a preocupação estava com uma ótica mais ampla acerca do terrorismo, visando seus vínculos com outros ilícitos transnacionais, como o narcotráfico, o tráfico de armas e a lavagem de dinheiro (Vaz, 2004).

Desta forma, foi criado o Grupo de Ação Financeira Internacional (GAFI), em 1989, com o objetivo de desenvolver e promover políticas de combate à lavagem de dinheiro e ao financiamento ao terrorismo. No fim dos anos noventa o terrorismo assume cada vez mais características internacionais, seja pelos seus fluxos de comunicação ou por seus recursos financeiros. Com isto, a cooperação multilateral tomou dois aspectos como centrais neste combate. Primeiro, a geração e a propagação de informações, permitindo o monitoramento, de forma permanente, do fluxo de pessoas, bens e recursos financeiros no interior dos países e através das fronteiras, e segundo pôr em prática as medidas de controle e supervisão do fluxo de pessoas e do sistema financeiro. Com esta segunda diretriz ainda se adicionou a cooperação em matéria judicial, tendo então três pontos chaves para a cooperação internacional. Com a entrada do novo milênio e os ataques de 11 de setembro a cooperação internacional se intensificou, porém, não alteraram o tripé, prevendo articular sistemas de informação, o controle e supervisão de fluxos de pessoas, bens e recursos financeiros e a cooperação em matéria judicial. Esse molde de três pilares

também orienta e determina a cooperação internacional nos planos regional e sub-regional (Vaz, 2004).

Foi em 2006 que os Estados membros das Nações Unidas aprovaram a Estratégia Global Antiterrorista das Nações Unidas, sendo a primeira vez que um quadro estratégico e operacional contra o terrorismo é aprovado pelos Estados-membros, projetado para melhorar os esforços nacionais, regionais e internacionais no combate ao terrorismo (Peters, 2015).

8.1 O Realismo no combate ao terrorismo

A teoria Realista como teoria vital nas relações internacionais na ajuda a entender através de sua visão, os conceitos a serem usados nas RI para combater o terrorismo no mundo. Para isto nos baseamos no pilar fundamental do realismo que é a necessidade de segurança dos estados, tendo em vista que a anarquia predomina o sistema global sem uma autoridade central. Logo, a principal preocupação dos estados é a segurança.

Postas de lado essas regras comuns e necessárias de direito internacional, cada país individual vem a ser a mais alta autoridade legisladora, no que diz respeito as normas obrigatórias do direito internacional. Nenhuma das regras de direito internacional pode obrigá-lo, a não ser as que ele criou para si próprio, por seu arbítrio. Ele não reconhece qualquer autoridade legisladora superior a ele, pois não há Estado, ou grupo de Estados, que possa legislar para ele (Morganthau, 2003, p. 570).

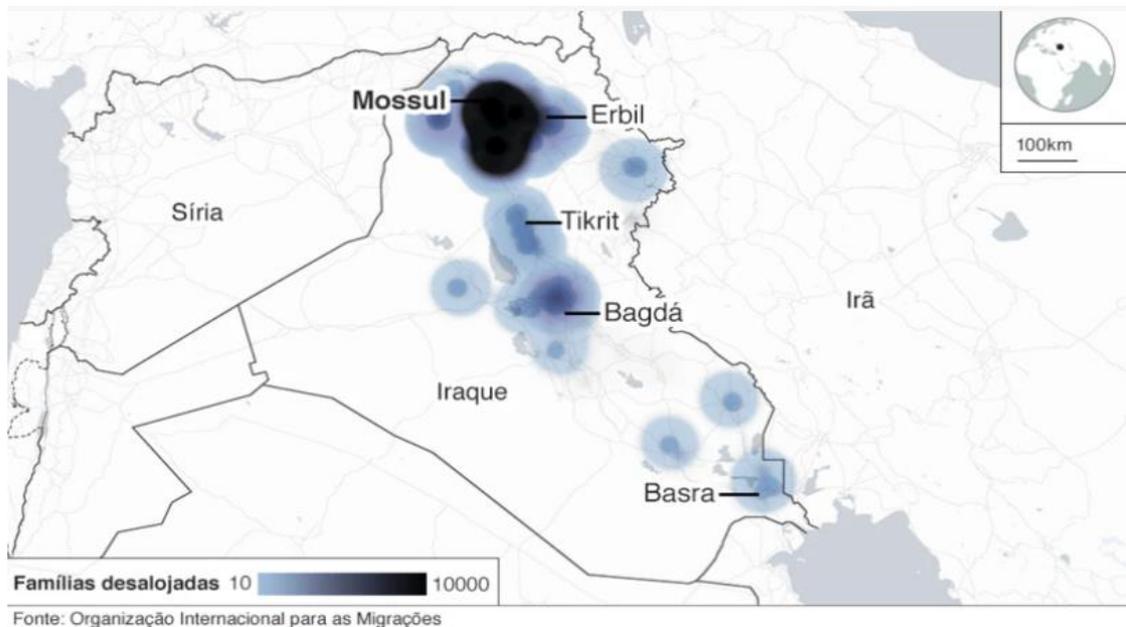
O terrorismo neste sentido faz parte do sistema internacional e isto molda o comportamento dos estados no cenário mundial. Segundo Kenneth Waltz (1979), não são apenas as características internas dos estados que definem suas políticas, mas também a estrutura do sistema internacional. E neste contexto que temos o terrorismo como membro da estrutura internacional moldando o comportamento dos estados.

O realismo sustenta a ideia que o Estado deve ter como principal obrigação a segurança nacional, o que implica em adotar políticas de combate ao terrorismo que garantam a proteção do território, da população e da integridade do Estado. Podendo desta forma legitimar medidas rigorosas como vigilância em massa, restrições a liberdades civis e ações militares, estas inclusive além do seu território em ações como descritas anteriormente, de contraterrorismo.

Usando o conceito de anarquia no sistema internacional e a necessidade dos

Estados de manterem sua segurança, o realismo defende a criação de coalizões entre os estados cujos interesses são comuns. A ideia de coalizões já foi bastante utilizada neste contexto, por exemplo a coalizão de mais de 80 países liderados pelos EUA e Reino Unido em 2014 para combater o Estado Islâmico. O uso legítimo da força atribuída aos estados que visam pôr fim ao terrorismo que ameaça sua segurança tem como consequência ações que prejudicam também a sociedade civil próxima aos locais onde ficam estes grupos. No gráfico abaixo vemos a situação humanitária da cidade de Mossul após a operação para retirada do Estado Islâmico.

Imagem 1: Famílias desalojadas na cidade de Mossul



Fonte: Organização Internacional para as Migrações, 2014

Imagem 2: Infraestrutura danificada na cidade de Mossul



Fonte: ONU HABITAT, 2014

Portanto, podemos citar que os grupos terroristas ocupam um território que não é deles e que para poder retirá-los de lá, o sofrimento da população civil é muito grande.

8.2 A Inteligência como forma de combate ao terrorismo

Tomando como base o consenso de vários especialistas na área, a atividade de inteligência por parte do estado é uma ferramenta essencial para o combate efetivo aos grupos terroristas. Na análise de Saint-Pierre “É certo que a inteligência financeira e policial pode auxiliar no desmonte de grupos terroristas e dissuadi-los da sua intenção” (Saint-Pierre, 2015, p. 24). Para o outro autor o combate passa por dois processos, um de neutralização e outro de desbaratamento. “Ambos envolvem o engajamento decidido de recursos de Inteligência” (Diniz, 2002, p. 15).

No caso da neutralização, o objetivo é antecipar as intenções dos terroristas e evitar que seus atentados aconteçam. Já o desbaratamento tem como meta identificar os pontos críticos a serem atingidos (Diniz, 2002). Dessa forma, a atividade de inteligência se configura como uma ferramenta essencial no combate ao terrorismo, seus atos e seus envolvidos. A inteligência acompanha o ser humano desde de muito

tempo, tendo tido um papel importante já na primeira guerra mundial, mas seu apogeu foi durante a guerra fria. Naquele momento quem detinha maiores informações de inteligência saía na frente do seu adversário.

Podemos definir então inteligência como toda informação coletada, organizada ou analisada para atender as demandas de um tomador de decisão (Cepik, 2003). Ou seja, os serviços de inteligência coletam informações para que sirvam de base e auxílio para os agentes políticos tomadores de decisão.

Atividade de Inteligência compreende a obtenção e o processamento de um conjunto de ativos informacionais que são de interesse de uma organização ou entidade visando à produção de determinados conhecimentos que possam vir a gerar influências em determinados juízos, ações e comportamentos, em especial no tocante as influências para os processos decisórios voltados para as pessoas, à sociedade e ao Estado (Paula, 2013, p. 35).

O senso comum normalmente associa a atividade de inteligência à espionagem, trapanças e chantagens, imagem amplamente incentivada pela literatura ficcional e pela mídia. Não obstante o termo inteligência ser um eufemismo anglo-saxão para a espionagem, esta é apenas uma parte do processo de inteligência, que é muito mais amplo [...]. Portanto, a atividade de inteligência refere-se a certos tipos de informações, relacionadas à segurança do Estado, às atividades desempenhadas no sentido de obtê-las ou impedir que outros países a obtenham e às organizações responsáveis pela realização e coordenação da atividade na esfera estatal. Trata-se de uma definição mais precisa sobre o escopo da atividade de inteligência, que permite iluminar certas incompreensões que vêm sendo percebidas no debate brasileiro (Antunes, 2001, p. 19).

É importante deixar claro a diferença entre inteligência e espionagem, ambas por mais que se pareçam entre si no senso comum, na literatura são distintas uma das outras. Não devemos interpretar o conceito de inteligência apenas como se fosse o serviço secreto. Para isto Antunes (2001) alerta para que possamos minimizar este conceito tão difundido no senso comum.

8.3 A sociedade internacional junta no combate ao terrorismo

O ataque em Nova York em setembro de 2001 contra o World Trade Center abriu as portas para um novo momento no terrorismo e também para os Estados. Deixando claro também a capacidade dos grupos terroristas atuais em executar atentados em qualquer lugar do mundo, sua ligação estreita com o crime organizado

internacional e principalmente a utilização do sistema financeiro global para seu financiamento.

Esta nova perspectiva modificou a agenda global e fez com que a contenção da ameaça do terrorismo fizesse parte das prioridades de inúmeros Estados e das Relações Internacionais. O surgimento de vários esforços da sociedade internacional pela necessidade de alteração no seu pensamento sobre segurança marca um novo momento no combate ao terrorismo internacional.

Na agenda das Nações Unidas, existem treze convenções que abordam de maneira direta e específica o combate ao terrorismo internacional. Estas convenções abrangem uma ampla gama de aspectos, desde a Convenção sobre Infrações e outros Atos Cometidos a Bordo de Aeronaves, estabelecida em 1963, até a Convenção Internacional para a Supressão de Atos de Terrorismo Nuclear, assinada em 2005. O objetivo dessas convenções é fornecer uma estrutura legal para a cooperação internacional no enfrentamento do terrorismo e garantir uma resposta coordenada e eficaz contra as ameaças terroristas globais.

Para fins de prevenção de crimes de acordo com a presente Convenção, os Estados Partes devem efetuar todos os esforços para adotar medidas adequadas para garantir a proteção de material radioativo, tendo em consideração as recomendações e funções relevantes da Agência Internacional de Energia Atômica. (CONVENÇÃO INTERNACIONAL PARA A ELIMINAÇÃO DOS ATOS DE TERRORISMO NUCLEAR, Artigo 8)

Além disso, a Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) desempenhou um papel fundamental na luta contra o terrorismo ao adotar medidas importantes, como as "Medidas para Eliminar o Terrorismo Internacional", por meio da Resolução 49/60, datada de 17 de fevereiro de 1995. Essa resolução foi um marco na definição de políticas globais de combate ao terrorismo, estabelecendo diretrizes para a cooperação internacional. Em 16 de fevereiro de 1997, a AGNU ainda aprovou a Resolução 51/210, um suplemento à resolução anterior, que reafirmou a importância da colaboração entre os países para a erradicação do terrorismo.

Em 2005, foi instituída a Counterterrorism Implementation Task Force (CTITF) com o propósito de coordenar as ações no enfrentamento do terrorismo dentro do sistema das Nações Unidas. Em setembro de 2006, a Assembleia Geral da ONU adotou a Estratégia Global das Nações Unidas contra o Terrorismo, o que resultou na criação de nove grupos de trabalho, incumbidos da implementação das iniciativas

aprovadas. Esta Estratégia estabeleceu um referencial estratégico abrangente, além de um conjunto de diretrizes práticas para o combate ao terrorismo, delineando ações a serem executadas em quatro pilares essenciais apresentados quadro 2 a seguir:

Quadro 2: Medidas a serem realizadas contra o terrorismo

Significado	Características
1) Reconhecer as condições para a propagação do terrorismo	Tentativa de resolver conflitos que possam ser terrenos férteis para a criação de grupos terroristas
2) Prevenção e combate	Combater o financiamento atuando no âmbito da lavagem de dinheiro, combater o uso da internet como meio de aliciamento de pessoas
3) Construção de capacidades estatais	Assistência ao controle de fronteira e medidas para assistência legal
4) Assegurar os direitos humanos e o estado de direito como base da luta contra o terrorismo.	Emissão de relatórios e realização de seminários principalmente no Oriente Médio.

Fonte: Estratégia Global das Nações Unidas contra o Terrorismo, 2006

A lavagem de dinheiro e o consequente financiamento do terrorismo fez com que o Fundo Monetário Internacional (FMI) intensificasse suas ações no combate à lavagem de dinheiro, expandindo suas atividades também para o enfrentamento do financiamento ao terrorismo. Reconhecendo que os lavadores de dinheiro tiram proveito da complexidade do sistema financeiro global, além das disparidades entre as legislações e sistemas nacionais de combate à lavagem de dinheiro, e que recorrem a jurisdições com controles fracos ou ineficazes, onde podem movimentar recursos com pouca chance de serem detectados, o FMI passou a realizar avaliações no setor financeiro. Além disso, tem oferecido assistência técnica a seus países membros sobre essa temática.

Em 2009, foi criado o Topical Trust Funds (TTF), com uma colaboração inicial de 25,3 milhões de dólares, contribuídos por países como Canadá, França, Japão, Coréia, Kuwait, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Qatar, Arábia Saudita, Suíça e Reino Unido. Esse fundo tem como objetivo financiar o desenvolvimento de expertise e infraestrutura na área de prevenção à lavagem de dinheiro e ao financiamento do terrorismo. O FMI, por meio deste fundo, elaborou e publicou relatórios de avaliação sobre a situação de treze países, com ênfase na implementação dos padrões internacionais de combate à lavagem de dinheiro, crimes financeiros e financiamento do terrorismo.

Apesar dos atentados terroristas apresentarem um custo relativamente baixo, comparado aos prejuízos que resultam tanto na esfera econômica como psicológica, os investimentos mais expressivos são destinados a manter os grupos em atividade e em condições plenas de operacionalidade. Villamarín (2006, p.144) alerta que dados aproximados do Banco Mundial indicam que, de maneira permanente, circulam nos mercados econômicos internacionais entre 600 e 700 bilhões de dólares advindos do narcotráfico em busca de legalização com o agravante de que parte desses recursos está destinado a financiar grupos terroristas mundo a fora. Mas o dinheiro não advém apenas de atividades criminosas. Bechara e Manzano (2009) esclarecem que entre as fontes para o financiamento do terrorismo estão também doações e contribuições de caridade, negócios legítimos ou quase legítimos e o patrocínio de Estados ou governos simpatizantes a algum movimento terrorista específico. Como por exemplo o quase declarado apoio e financiamento do Irã em favor do Hamas contra o inimigo comum, Israel.

Para pôr em números elaboramos o quadro 3 abaixo com os custos médios de alguns ataques terroristas importantes nas últimas duas décadas.

Quadro 3: Estimativa de gastos dos ataques terroristas no século 21:

Ataques	Data	Estimativa de gasto
Embaixadas dos EUA em Nairóbi, Quênia e Dar es Sallaam - Tanzânia	07/08/98	US\$ 50.000
Destroier USS Cole em Adem - Iêmen	12/10/00	US\$ 10.000
Bombas de Bali - Indonésia	12/10/02	US\$ 50.000
Hotel JW Marriott Jacarta - Indonésia	05/08/03	US\$ 30.000
Setor de transporte de Londres	07/07/05	US\$ 8.000
Metro de Madri, Espanha	11/03/04	US\$ 10.000
Torres gêmeas e Pentágono - EUA	11/09/01	US\$ 400 a 500.000

Fonte: FATF. Terrorist Financing apud DALLAGNOL, 2011, p. 371.

8.4 Surgimento de novas tecnologias e o combate ao novo

As novas tecnologias da informação são consideradas por muitos cientistas e pesquisadores como uma revolução, provavelmente a maior por que passamos, capaz de mudar completamente a condição humana em todos os sentidos, sendo ele no uso pessoal como também no uso do trabalho. A este respeito, Castells (2003, p.56) já alertava para o fato de que o uso adequado da Internet se tornou uma fonte decisiva de produtividade e competitividade para negócios de todo o tipo, em particular, para o mercado financeiro. O processo de interdependência desses mercados e a natureza muito variada de seus derivados, os quais são na maioria das

vezes compostos por títulos de diversas origens, estão entrelaçando-os num ritmo acelerado.

Contudo, pode-se observar que o papel dessas tecnologias digitais tem sido paradoxal. Se por um lado, possibilitou maior inclusão e interação das sociedades, acesso à busca de conhecimentos de maneira mais ampla e expansão da cultura, por outro, potencializou novas ameaças globais com o surgimento dos crimes digitais. Dentre essas ameaças figura a facilitação do financiamento do terrorismo internacional por meio de transferências on-line e arrecadação de fundos em mídias sociais, fato levantado pelo GAFI/FATF que originou a recomendação especial nº 7, cujo teor determina a inclusão de informações precisas sobre o remetente como nome, endereço e número da conta, além da necessidade dos países em exercer exame minucioso e monitoramento das transferências de fundo suspeitas que não possuam informações completas. Nesse sentido, o discurso do Secretário-Geral da ONU, Ban-Kimoon, quando o mesmo alerta que as mídias sociais estão sendo exploradas não apenas para a radicalização e o recrutamento, mas também para a arrecadação de verba a fim de se manterem ativos e planejarem e financiarem novos ataques.

De acordo com a UNODC (2012) a forma pela qual as organizações terroristas tem utilizado o ciberespaço para captar recursos e financiar suas atividades pode ser classificada em quatro categorias gerais. A primeira delas se refere à captação de recursos por via de solicitação direta feita através da utilização de sites, envio de emails em massa, dentre outros meios, para solicitar diretamente a uma pessoa física usuária comum da internet e simpatizante da causa, doações para financiar as atividades terroristas. A segunda categoria está relacionada ao comércio virtual e ao uso de plataformas de e-commerce como forma de arrecadação de fundos. Desta maneira muitas organizações terroristas criam lojas on-line que oferecem livros, gravações de áudio e vídeo e outros tipos de materiais, que geralmente são direcionados a apoiadores que podem efetuar os pagamentos de forma rápida pelos links de pagamento.

A terceira categoria se refere à exploração de ferramentas de pagamento online, como Paypal e Google Checkout. Onde por meio de roubo de identidade, fraudes em cartões de crédito e variados crimes de propriedade intelectual, os diferentes grupos terroristas tem conseguido somar grande quantidade de dinheiro

para financiar suas atividades. Com base nos relatórios divulgados pelo FBI, Theohary e Rollins (2011) chegaram à conclusão que muitos dos atentados terroristas recentes foram em parte financiados através de crimes virtuais. Não obstante, o relatório da UNODC (2012) apresentou um caso descoberto no Reino Unido, em que uma fraude eletrônica em 1.400 cartões de créditos conseguiu arrecadar a soma de aproximadamente £1,6 milhões de libras que foram destinadas à realização de vários atos terroristas mundo afora.

A quarta categoria apresentada pela UNODC (2012) refere-se à captação de recursos por via de instituições de caridade. Segundo o estudo, alguns grupos terroristas têm criado falsas ONG's para solicitar doações on-line, solicitando recursos que supostamente seriam utilizados para apoiar projetos humanitários, mas que na verdade tem como destino o financiamento de atividades terroristas.

Outra das ameaças latentes é o ciberterrorismo, que, segundo Denning, (2000, p.143), é a tentativa de ataque via Internet, à rede de computadores e a informação neles contida, com o objetivo de intimidar ou coagir um governo para atingir objetivos políticos ou sociais. Seus alvos, além das comunicações on-line, também estão direcionados para sistemas de energia elétrica e nuclear, bancário e financeiro, da aviação civil, trens e metrô. No caso de ataques aos sistemas bancário e financeiro, estes potencializam a paralisação dos serviços com prejuízos econômicos incalculáveis. Isto se tornou possível, face ao fácil acesso para os hackers aproveitando alguma falha na segurança de um determinado órgão.

Villamarín (2005) assinala que amparados pelas inúmeras vantagens facilitadas pelas novas tecnologias, pequenos e grandes capitais transitam diariamente pela Internet com destino aos paraísos fiscais pela rede eletrônica. No entender de Pinto (2007, p.120), as novas tecnologias da informação por meio das telecomunicações digitais aliadas à eliminação de barreiras geográficas, redução de custos, simplificação de processos de compra e venda e serviços de transferências on-line, favoreceram as atividades de lavagem de dinheiro. Segundo o autor, aumentaram nos últimos anos programas de software que tornam os interessados completamente anônimos, e isso não é só possível ao usuário, mas, também, ao fornecedor do serviço, o que significa que o rastreamento da operação será praticamente impossível. E o melhor de tudo para os criminosos é não haver nenhum contato frente a frente, nenhuma pergunta, nenhum inconveniente. Trata-se de um

ambiente que precisa de uma regulamentação internacional ou em pouco tempo os criminosos não precisarão mais dos paraísos fiscais.

Nessa mesma linha, Dallagnol, (2011) amplia a discussão acrescentando que a Internet, por sua vez, é atualmente ferramenta de troca de informações extremamente importante tanto para cidadãos comuns como para pessoas e grupos terroristas. Em 2007, o Reino Unido condenou três residentes no país que utilizavam valores de origem ilícita para manter dezenas de sites que incitavam ao martírio mediante atos terroristas. A Internet era utilizada, como se vê, tanto para a obtenção de fundos e a lavagem deles quanto para a própria apologia e difusão do terrorismo. Quanto às possibilidades de detecção, face às novas tecnologias à disposição para monitoramento, Naím (2011) mostra-se cético quando aduz que as transferências eletrônicas e outras facilidades bancárias tornaram viável, para os corretores da lavagem de dinheiro, a divisão de suas posses em partes insuspeitas, primeiro passo essencial para o sucesso de uma operação. O acesso remoto a bancos, com cartões eletrônicos, telefone, Internet, permite ainda mais discrição e dissimulação tornando o processo de capturar os que precisam ser capturados uma tarefa quase impossível.

Saviano (2014) também concorda com a visão de Naím dizendo que é extremamente difícil trazer à luz um caso de lavagem, bem como apurar sua natureza e o grau de negligência das normas. Diante dessa conjuntura, verifica-se que embora as tecnologias da informação desempenhem um papel importante na sociedade internacional, este é paradoxal, principalmente, na questão do terrorismo internacional, em especial, na lavagem de dinheiro. Ao mesmo tempo em que existam as ferramentas para a identificação, localização e neutralização das operações de lavagem de dinheiro por meio de vigilâncias eletrônicas também são essas as mais utilizadas por criminosos e redes de apoio para realizarem transferências de fundos originalmente ilegais. E a cada investida dos órgãos de inteligência financeira, surgem novos mecanismos tecnológicos destinados a burlar a tentativa de controle.

9 A QUINTA ONDA: O TERRORISMO NO CIBERESPAÇO

Hoje em dia, com a evolução da tecnologia, quando se trata de um ataque terrorista, já não se fala mais exclusivamente em atos violentos contra cidadãos civis. Por vezes, esse ataque é executado por um grupo terrorista a uma nação de forma on-line (Gardini, 2014), sendo assim, “[...] o ciberterrorismo resulta em termos simples da convergência do terrorismo e do ciberespaço e refere-se àquilo que se designa igualmente por ‘terrorismo eletrônico’ (Novais, 2012, p. 91).

Essa nova forma de terrorismo, também chamada de terrorismo cibernético, caracteriza-se por uma forma de ciberataque a um governo ou instituição. Isso acontece porque o espaço cibernético simplifica o trabalho das organizações terroristas, uma vez que é possível manter o anonimato, o acesso é facilitado e o custo é baixo. Gardini define o ciberterrorismo como “ações de objetivos políticos ou religiosos que são realizadas por meio do espaço cibernético para causar graves danos contra a sociedade civil ou governos” (Gardini, 2014, p. 18).

Para se ter sucesso em uma guerra, é necessário afetar a capacidade do inimigo. Uma estratégia usada é o planejamento de ataques contra infraestruturas críticas como centrais elétricas e sistemas de transporte que auxiliam nas ações de guerra do adversário. Nos dias atuais, um ciberataque pode ser considerado em nível estratégico sem causar impacto suficiente para afetar a capacidade de funcionamento de um Estado, e esta estratégia ainda é mais barata e acessível do que qualquer ataque físico. Assim, ataques digitais podem causar grandes danos a um Estado por um valor bem mais baixo, e combinados com ataques físicos causam um prejuízo colossal. Um exemplo desta combinação foi no caso da guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

É importante destacar que desde a anexação da Crimeia em 2014 os russos vêm desenvolvendo competências de ponta no âmbito de ciberataque e ciberdefesa. Ou seja, ao longo desse tempo eles vêm testando, experimentando e até implementando essas tecnologias em uma escala ampla (Belli, 2022, p. 89).

Os grupos terroristas passaram a usar a tecnologia para os seus crimes como uma forma facilitadora de alcançar o seu objetivo. Hackers com motivações políticas ou religiosas são recrutados por extremistas para que difundam terror pelos meios digitais. Esses ataques podem ser entendidos contra:

- a) computadores e suas redes;
- b) informações armazenadas;
- c) serviços essenciais ou infraestrutura como: sistema bancário, fornecimento de água ou energia elétrica, entre outros (Raposo, 2007).

O ciberterrorismo se tornou uma opção mais moderna de ataque terrorista, pois pode ser feito de forma anônima e causa danos imensos. Os principais métodos de terrorismo digital foram identificados como intimidação e coerção de autoridades públicas ou da população. Os objetivos do terrorismo digital são parecidos com os do terrorismo tradicional, tendo ambos implicações políticas ou sociais. Um dos principais problemas para a ciência criminológica é a dificuldade de determinar o complexo causal do ato criminoso formado pelas suas causas e condições em relação, neste trabalho, ao terrorismo cibernético. “A primeira razão para o desenvolvimento do cibercrime em geral e do ciberterrorismo em particular, é a possibilidade e virtualmente ilimitada de financiá-los de pessoas que têm um interesse político, mercenário, ou outro em atingir os objetivos desses crimes” (Serebrennikova, 2020).

Segundo o Relatório da UNODC1 intitulado “The use of the internet for terrorist purposes”, existe uma classificação de seis etapas para o terrorismo cibernético:

É Propaganda: é uma forma de promover a ideologia terrorista entre usuários da internet; A propaganda terrorista também pode ser utilizada como forma de manipulação psicológica, bem como para revelar sua força e demonstrar o poder de fogo do grupo. Nesse sentido essa propaganda pode ser direcionada a distintos públicos: aos inimigos do grupo, de forma a demonstrar poder e fazer uma ameaça, e aos apoiadores e patrocinadores, como uma maneira de demonstrar e provar a efetiva execução dos ataques por eles patrocinados

- Financiamento: a internet também pode ser usada para financiar atos terroristas, como meio de coleta financeira, podendo ser feita por solicitação direta, comércio eletrônico, exploração de ferramentas de pagamento on-line e por meio de organizações de caridade;

- Recrutamento: De uma maneira geral, o processo de recrutamento online ocorre em diferentes plataformas, tanto de conteúdo privado como de conteúdo público. Alguns canais frequentemente usados por recrutadores são fóruns de

discussão online, salas de bate-papo, e diferentes redes sociais, tanto as mais populares como o Facebook e o X como também o Instagram, sem falar de outras com menor número de usuários. É importante ressaltar que terroristas procuram divulgar sua propaganda em sites com um elevado número de acessos, como o Youtube, de modo a contribuir com o processo de recrutamento.

- **Treinamento:** os terroristas têm cada vez mais recorrido à internet como um campo de treinamento para a execução de seus ataques. São disponibilizadas, em plataformas da internet, guias de como entrar nessas organizações terroristas e de como planejar e executar o ataque;

- **Planejamento:** diversos profissionais da justiça criminal citaram o uso da internet como sendo muito comum nos ataques terroristas. Dessa forma, o planejamento de um ato terrorista se baseia na comunicação de diversos sujeitos à distância, assim como na escolha do alvo do ataque;

- **Execução:** a internet pode ser usada na execução dos atos terroristas, podendo ser utilizadas ameaças de violência como forma de coordenar os ataques. Um exemplo onde a internet foi fortemente usada na coordenação dos participantes do ataque foi no 11 de setembro;

- **Ataques cibernéticos:** caracterizam-se pela utilização da internet para fazer um ataque. Geralmente essas investidas são para prejudicar o funcionamento de computadores, por meio de um vírus de computador, malware entre outros (UNODC, 2012).

Os ataques terroristas muitas vezes têm intenções políticas ou sociais, como ocorreu no ataque a Israel, em 2012, que envolveu diversos sites emblemáticos, como o da Bolsa de Valores de Tel Aviv e o da companhia aérea nacional, além da exposição sem autorização de dados de cartões de crédito e contas bancárias de diversos cidadãos israelenses (UNODC, 2012). Mas afinal, quem são esses ciberterroristas? Um ataque digital pode ser elaborado e executado por qualquer pessoa que entenda de tecnologia da computação e tenha motivos religiosos ou políticos para causar danos a outros grupos de pessoas. Podem ser tanto hackers amadores como profissionais e os ataques podem ser realizados por somente um indivíduo ou um grupo terrorista organizado.

Desta forma podemos destacar que o ciberespaço abre margem para a atuação do que chamamos no caso do terrorismo, de lobo solitário. Justamente aquele que não depende de um grande grupo por trás dele o ajudando tanto com recursos materiais e financeiros. Ou seja, o novo modelo de terrorismo é muito mais imprevisível e difícil de rastrear e prevenir pelo fato dele não depender mais de uma grande célula por trás de cada ação.

Propaganda: é uma forma de promover a ideologia terrorista entre usuários da internet; A propaganda terrorista também pode ser utilizada como forma de manipulação psicológica, bem como para revelar sua força e demonstrar o poder de fogo do grupo. Nesse sentido essa propaganda pode ser direcionada a distintos públicos: aos inimigos do grupo, de forma a demonstrar poder e fazer uma ameaça, e aos apoiadores e patrocinadores, como uma maneira de demonstrar e provar a efetiva execução dos ataques por eles patrocinados

- Financiamento: a internet também pode ser usada para financiar atos terroristas, como meio de coleta financeira, podendo ser feita por solicitação direta, comércio eletrônico, exploração de ferramentas de pagamento on-line e por meio de organizações de caridade;

- Recrutamento: De uma maneira geral, o processo de recrutamento online ocorre em diferentes plataformas, tanto de conteúdo privado como de conteúdo público. Alguns canais frequentemente usados por recrutadores são fóruns de discussão online, salas de bate-papo, e diferentes redes sociais, tanto as mais populares como o Facebook e o X como também o Instagram, sem falar de outras com menor número de usuários. É importante ressaltar que terroristas procuram divulgar sua propaganda em sites com um elevado número de acessos, como o Youtube, de modo a contribuir com o processo de recrutamento.

- Treinamento: os terroristas têm cada vez mais recorrido à internet como um campo de treinamento para a execução de seus ataques. São disponibilizadas, em plataformas da internet, guias de como entrar nessas organizações terroristas e de como planejar e executar o ataque;

- Planejamento: diversos profissionais da justiça criminal citaram o uso da internet como sendo muito comum nos ataques terroristas. Dessa forma, o

planejamento de um ato terrorista se baseia na comunicação de diversos sujeitos à distância, assim como na escolha do alvo do ataque;

- Execução: a internet pode ser usada na execução dos atos terroristas, podendo ser utilizadas ameaças de violência como forma de coordenar os ataques. Um exemplo onde a internet foi fortemente usada na coordenação dos participantes do ataque foi no 11 de setembro;

- Ataques cibernéticos: caracterizam-se pela utilização da internet para fazer um ataque. Geralmente essas investidas são para prejudicar o funcionamento de computadores, por meio de um vírus de computador, malware entre outros (UNODC, 2012).

Os ataques terroristas muitas vezes têm intenções políticas ou sociais, como ocorreu no ataque a Israel, em 2012, que envolveu diversos sites emblemáticos, como o da Bolsa de Valores de Tel Aviv e o da companhia aérea nacional, além da exposição sem autorização de dados de cartões de crédito e contas bancárias de diversos cidadãos israelenses (UNODC, 2012). Mas afinal, quem são esses ciberterroristas? Um ataque digital pode ser elaborado e executado por qualquer pessoa que entenda de tecnologia da computação e tenha motivos religiosos ou políticos para causar danos a outros grupos de pessoas. Podem ser tanto hackers amadores como profissionais e os ataques podem ser realizados por somente um indivíduo ou um grupo terrorista organizado.

Desta forma podemos destacar que o ciberespaço abre margem para a atuação do que chamamos no caso do terrorismo, de lobo solitário. Justamente aquele que não depende de um grande grupo por trás dele o ajudando tanto com recursos materiais e financeiros. Ou seja, o novo modelo de terrorismo é muito mais imprevisível e difícil de rastrear e prevenir pelo fato dele não depender mais de uma grande célula por trás de cada ação.

9.1 Conceito de terrorismo cibernético

Como já mencionado aqui neste estudo, a definição de terrorismo não é algo unânime no mundo acadêmico. Diversos autores expõem este conceito da forma como acham correto levando desta forma a uma infinidade de conceitos acerca do mesmo assunto. Isso não é diferente para o ciberterrorismo. Tendo em vista que este

conceito é bem mais novo que o próprio terrorismo em si, a dificuldade de achar um consenso acerca de sua definição é logicamente compreendida.

Apesar desta dificuldade de achar um consenso acerca do tema, nosso trabalho nos traz dois conceitos de dois autores diferentes.

Baseando-se na pesquisa de outros autores, (Parker, 2009) conceitualiza ciberterrorismo como:

Um ato ou ações criminais premeditadas, de natureza política, social ou religiosa, contra informação, sistemas de computadores, programas de computadores e/ou dados que resultem em violência ou danos severos contra civis, por grupos subnacionais ou agentes clandestinos (Parker, 2009, p. 121).

Já para Denning (2002) conceito dele diverge em partes, mas se alinha em um ponto:

Um ataque ou ameaça de ataque baseado em um computador com intenção de intimidar ou coagir governos ou sociedades em busca de objetivos políticos, religiosos ou ideológicos. O ataque deve ser suficientemente destrutivo ou perturbador para gerar medo comparável à de atos físicos de terrorismo. Ataques que levam à morte ou lesão corporal, falta de energia prolongada, acidentes de avião, contaminação da água, ou grandes perdas econômicas seriam exemplos (Denning, 2002, p. 74).

Portanto, usando como base as duas definições acima citadas podemos afirmar que para o terrorismo ser considerado de fato terrorismo dentro do ciberespaço ele precisa causar uma ação devastadora. Mas isto não significa que os grupos terroristas não usam este espaço para justamente conseguir de uma melhor forma realizar os ataques devastadores no plano físico.

O espaço cibernético facilitou o trabalho dos grupos terroristas pois é muito mais fácil alcançar seus objetivos com a ajuda de um espaço que permite o anonimato, mudanças rápidas, apresenta um baixo custo de entrada e é de fácil acesso, do que ter que alcançá-los em espaços regidos por leis, polícia e exército no meio do caminho. O ciberespaço potencializa a ação e proporciona mais poder a esses grupos.

As informações em páginas da internet e redes sociais podem ser utilizadas para a execução de atos terroristas. Ameaças em forma de textos, áudios ou vídeos podem ser veiculadas, causando um sentimento de medo no público desejado. O ciberespaço também pode ser utilizado para coordenar a execução de ataques físicos. A divulgação de relatos e vídeos na internet de decapitações, crucificações,

apedrejamentos, genocídios e sepultamento de vítimas vivas nas regiões que são dominadas pelo “Estado Islâmico” no Iraque e na Síria são exemplos de execução. As ações são realizadas no mundo físico, mas não teriam o mesmo impacto se não fossem disseminadas no ciberespaço (Gerges, 2014).

9.2 Grupos terroristas e os Estados no mesmo ciberespaço

Apesar de anteriormente ao Estado Islâmico, outros grupos como por exemplo a Al-Qaeda já teriam se utilizado do ciberespaço para expandir sua atuação ou até mesmo coordenar atos terroristas, o grupo Estado Islâmico foi o que recentemente mais se tornou conhecido pelo seu alcance na internet. O grupo usa o ciberespaço como meio de recrutamento, propaganda, financiamento, e outras formas de atuação, de uma maneira nunca antes utilizada por outras organizações terroristas.

O Estado Islâmico alardeia a sua crueldade essa prática literalmente descarada é talvez a sua inovação mais importante. A exibição pública de barbárie transmite um sentido de urgência ao desafio que representa e permite lhe consumir uma quantidade desproporcional de atenção mundial. (Stern; Berger, 2015,)

Logo após decretarem serem o próprio Estado Islâmico eles deram início a publicação de vídeos com a execução de presos. O material em alta qualidade e com uma excelente edição, realmente pensando no intuito de gerar a propaganda, circularam pelo mundo. Imagens amplamente divulgadas na mídia internacional fizeram do Estado Islâmico um grupo terrorista conhecido e temido da noite para o dia.

Como outra forma de propaganda, existem vídeos de recrutamento. Alguns deles são disponibilizados em 14 idiomas diferentes e mostram ocidentais que foram recrutados pelo EI. A mensagem que querem passar é a de que os membros do “Estado Islâmico” são pessoas comuns, como as que estão assistindo os vídeos. Outros vídeos do grupo mostram crianças e famílias, rezando e fazendo compras, com a intenção de passar a imagem de que a vida segue normalmente durante seu “governo”. Esta presença no mundo digital trouxe para eles inúmeros seguidores, principalmente jovens do ocidente atrás de uma vida nova em um mundo aparentemente só de sucesso. Usando como exemplo o testemunho dado pelo jihadista Abu Anwar à CNN, em 2014, permite-nos perceber a forma como jovens

ocidentais são persuadidos pelos recrutados do Estado Islâmico e instrumentalizados pelo grupo terrorista.

Sou do sul de Inglaterra. Cresci numa família de classe média. A vida que tinha era fácil. Tinha uma vida. Tinha um carro. Mas a questão é que não podemos praticar o Islão a partir de casa. Vemos maldade à nossa volta. Vemos pedófilos. Vemos homossexualidade. Vemos crime. Vemos violações (Anwar, 2014).

Abaixo no gráfico nos fica claro a quantidade de propaganda lançada pelo Estado Islâmico no período de 15 de julho a de 17 de agosto de 2015:

Gráfico 1: Propaganda do Estado Islâmico de 15/062015 – 17/08/2015



Fonte: G1 (2015)

O Estado Islâmico tem procurado utilizar diferentes redes sociais explorando as potencialidades de cada uma delas. Desta maneira, a atuação do grupo tem sido descentralizada justamente pelo fato deste estar presente em várias redes diferentes, porém de forma muito bem organizada, já que a estratégia do grupo visa aproveitar as diferentes potencialidades de cada plataforma, criando uma conexão entre as contas em diferentes redes. (Start, 2014)

Outro grupo que usaremos no nosso trabalho para mostrar como o ciberespaço é uma importante ferramenta para o terrorismo, é o caso do Hamas nos dias recentes com seu ataque a Israel em outubro de 2023. Sem a existência da internet e o uso

estratégico dela, o ataque contra milhares de civis israelenses jamais teria tomado a proporção que tomou. A divulgação de materiais videográficos na Internet impulsionou o ataque como nunca antes visto na história da humanidade. Podemos dizer que foi até mesmo mais midiático que os vídeos postados em 2014 e 2015 pelo anteriormente mencionado Estado Islâmico. O Hamas usou o ciberespaço neste caso não como um meio de executar ou planejar o ataque, mas como meio extremamente eficaz de fazer propaganda deste ato tão cruel, onde por meio de vídeos em tempo real fez chegar aos lares do mundo todo. Tampouco podemos deixar de falar sobre a correlação entre ciberespaço e mídia tradicional. A segunda bem mais antiga que o primeiro, mas não deixam de ser usadas em conjunto pelos grupos terroristas ao seu favor. O Hamas soube usar de forma coerente ambas as partes para se promover e gerar no mundo um sentimento de pena. Graças ao uso estratégico do espaço cibernético souberam com os vídeos de bombardeios contra Gaza mostrar ao mundo que eles podem ser vistos agora como vítimas e não apenas como terroristas. Por exemplo, vídeos de blogueiros no solo em Gaza e usuários pró Palestina comentando sobre a guerra entre Israel e Gaza de seus quartos provocam a reação mais positiva entre os usuários mais jovens (Mariana Spring, 2023)

Portanto, temos hoje graças a internet uma guerra contra o terrorismo cada vez mais difícil a ser conduzida. O hibridismo torna alguns pontos menos palpáveis as forças de segurança fazendo com que elas se atualizem cada vez mais e encontrem medidas novas para o combater o novo modelo usado pelo terrorismo. Na guerra contra o Hamas Israel também disputa seu lugar no ciberespaço na tentativa de trazer a narrativa para o seu lado buscando apoiadores mundo afora. A internet acabou gerando uma guerra que não é apenas vencida no campo de batalha, no plano físico com balas e canhões, mas também no plano virtual, no ciberespaço. A depender da sua narrativa o apoio que você recebe das pessoas muitas das vezes distantes e alheias a causa, será fundamental para provar qual das duas partes ganha a causa, o terrorismo ou o estado.

Como mencionado, os Estados também usam o “novo” para se defender e também atacar, falaremos sobre a bem sucedida ação de Israel contra o Hezbollah no Líbano em setembro de 2024. O uso de ferramentas 100% cibernéticas permitiu com que Israel explodisse milhares de pagens pertencentes aos membros do grupo terrorista. O ataque foi inédito e mostra como as novas tecnologias estão cada vez

mais presentes nos conflitos e são usadas de forma cada vez mais estratégicas tanto pelos Estados como pelos grupos terroristas.

9.3 Terrorismo e as redes Sociais

As notícias referentes a ataques terroristas despertam a atenção do mundo inteiro e levam a que as pessoas partilhem de forma orgânica tudo o que sentem acerca deste assunto nas suas redes sociais como por exemplo, as suas experiências, informações sobre os atentados, dúvidas, opinião, seus pêsames, etc (Bressers; Hume, 2012). Estes espaços de convivência online podem ser vistos como comunidades virtuais, e em tempos de crise percebe-se uma intensa e concentrada movimentação acerca do mesmo assunto nas redes sociais porque, normalmente, as notícias trágicas são partilhadas instantaneamente por pessoas que estão pessoalmente no local onde aconteceu o ato que se comenta.

Após o atentado de setembro de 2001 aumentou a procura de notícias online sobre terrorismo por parte dos internautas. Um estudo realizado por Raine e Kalsnes (2001) feito com indivíduos de nacionalidade americana, confirmou que 69% dos utilizadores utilizaram a internet para obterem informações sobre o atentado as Torres Gêmeas em 2001. Além das notícias online os utilizadores da internet utilizaram outros métodos tecnológicos para se manterem informados: 72% dos internautas utilizou o e-mail para exibir o seu amor á pátria e também repudiar os atentados, também para estar em contato com os familiares e compartilhar notícias. Outros entraram em salas de chat e a outras comunidades virtuais para oferecem condolências, debaterem os acontecimentos e 33% dos utilizadores da internet leu material partilhado nas redes sociais e nos fóruns sobre o atentado. Os ataques terroristas sucedidos noutros países também foram alvo de partilha e de comentários por parte da população americana nas redes sociais como por exemplo, um dos casos mais recentes de terrorismo de grande porte na Europa que ocorreu em Paris contra o jornal Charlie Hebdo em que 29% dos questionados respondeu que seguiu esta tragédia com grande interesse nas redes sociais segundo (Drake, 2015).

A Meta analisou as conversas entre os utilizadores da sua rede social Facebook durante o ano de 2015 e chegou ao resultado dos tópicos relacionados ao terrorismo tiveram mais impacto e que foram mais partilhados e comentados no mundo inteiro, entre eles destacam-se:

Quadro 4: Temas relacionados ao terrorismo mais comentado em 2015 no Facebook:

Atentado	Características
Ataques em Paris no dia 13 de novembro de 2015	Utilizaram a rede social para a bandeira da França no seu perfil e frases de apoio
Estado Islâmico na Síria	Criação de grupos para saber notícias sobre amigos alvos do grupo e vídeos sobre os assassinatos
Charlie Hebdo em Paris	Uso amplo da frase “Je suis Charlie”

Fonte: <https://about.fb.com/news/2015/12/2015-year-in-review/>

9.4 Ciberterrorismo e Segurança

A segurança cibernética teve seu debate iniciado nos anos 1970, nos Estados Unidos e ganhou força no final da década de 1980, expandindo-se em definitivo para outros países 24 somente na década de 1990 e consecutiva virada do século (Cavelty, 2012).

Um fato relevante levantado por Cavelty (2012) é que o debate acerca do tema sempre tem se mostrando diversificado; conforme a evolução tecnológica, o próprio debate tinha que se mostrar propício também às mudanças, fazendo com que aspectos técnicos da infraestrutura da informação mudassem seu rumo.

Entretanto, foi após o incidente do Stuxnet, em 2010, que o debate passou a ter novas esferas do conhecimento e aplicação. Vale ressaltar aqui que o caso do Stuxnet onde Israel utilizou de vírus do tipo worm contra o sistema nuclear iraniano a fim de danificar suas centrífugas e atrasar seus planos de conseguir a arma atômica, foi um dos mais bem-sucedidos ataques cibernéticos até hoje. Logo, um debate que antes era tratado somente no âmbito de segurança cibernética tornou-se também uma problemática de questão estratégica militar, com foco em medidas de defesa cibernética (Cavelty, 2012). Além deste caso, segundo a autora, o crescimento da

espionagem chinesa, sofisticação crescente de criminosos cibernéticos e o aumento de atividades hackers motivaram outros países do sistema internacional a se organizarem e considerarem a segurança cibernética um tópico importante para a agenda de segurança, bem como futuros ataques que poderiam causar impactos catastróficos internamente (Cavelty, 2012).

Mas como todas as questões no âmbito internacional temos que levar neste caso da segurança cibernética também em consideração, o fato de países emergentes não estarem tão bem estruturados e preparados quanto os países ricos e por sua vez são mais propícios a serem alvos de ataques terroristas no âmbito do ciberespaço.

Partindo deste princípio temos a preocupação de alguns atores acadêmicos como o professor Heni Ozi Cukier com o fato de um país em desenvolvimento como o Paquistão possui bomba atômica. Sabendo que o mesmo não tem uma estrutura de segurança cibernética tão bem estruturada o medo que fica é de ciberterroristas poderem ter acesso a estes materiais que se tornaram perigosos na mão destes grupos extremistas.

Por enquanto, o caso mais notório de roubo de planos nucleares aconteceu na década de 1970, quando o engenheiro paquistanês Abdul Qadeer Khan contrabandeou projetos nucleares de um consórcio europeu. (Verli, 2008, p. 3)

Os estados cada vez mais preocupados com a segurança cibernética passam por diversos desafios até atingirem um nível seguro de segurança. Nível este muitas das vezes como mencionado acima, quase impossível de ser atingido por estados com menos recursos e estrutura. Segundo (Leite , 2016), os desafios enfrentados pelos estados são os seguintes:

Quadro 5: Desafios dos estados no controle do ciberespaço

Programação ineficiente	Deixa o software vulnerável a algum ataque externo
Falta de informação	Os usuários não são alertados sobre os riscos da internet os tornando presais mais fáceis para os terroristas no ciberespaço
Acesso muito fácil a Internet	Muitas pessoas tendo uso descontrolado da “arma” que é a internet. Logo mais chances de haver cometimento de crimes
Leis ineficientes	Necessidade de todos os países terem leis domésticas que regulamentem e punem aqueles que usam o ciberespaço para a execução de atos terroristas

Fonte: LEITE, 2016, p. 5: A problemática da cibersegurança e os seus desafios

9.5 O ciberespaço e as novas tecnologias como causas de uma nova onda

Talvez para muitos ainda seja estranho ouvir o termo tecnóforo ou tecnofobia. Mas o termo já está cada vez mais presente no dia a dia de cada um de nós. O surgimento cada dia mais de novas tecnologias abrem espaço para que cada vez mais pessoas busquem viver fora destes modelos acelerados de viver em sociedade onde tudo é conectado constantemente sem parar. Podemos dizer que vivemos uma divisão entre aqueles que são ainda fãs do estilo de vida acelerado onde cada nova tecnologia é motivo de euforia para ser o primeiro a possuir. Em contrapartida temos outras pessoas que começaram a ter abuso desta aceleração toda. Na internet surgem mais e mais influenciadores que pregam um estilo de vida mais calmo, longe das telas e mais humanizada no sentido de aproveitar mais a natureza, os amigos, um trabalho mais calmo etc.

Face a esse contexto, um movimento voltado para um consumo suficiente e consciente do uso de tecnologia vem como uma perspectiva de compreender que, sim, as tecnologias são bons recursos quando fazemos o seu uso de forma inteligente, equilibrada e saudável. Esse movimento se chama Minimalismo Digital (Parra, 2022, p. 48).

Portanto estes são os potenciais candidatos a se tornarem tecnóforos com um abuso enorme das tecnologias e podendo se tornar os terroristas do futuro sem viés religioso extremista. Segundo (Buezoc, 2019), membro do departamento de ciências políticas da Universidade de Barcelona, a próxima onda de terrorismo será motivada por uma rejeição da tecnologia e seus efeitos indesejados, que é conhecido como tecnofobia. Usando como base também as ideias de Rapoport (2006), os autores do estudo afirmam que a onda surgirá a partir de 2040 entrando assim na segunda metade do século XXI, de acordo com as conclusões de ciclos anteriores de terrorismo na história.

Quanto ao seu formato, os pesquisadores sugerem que será uma onda de tipo transversal, afetando muitos segmentos da sociedade, independentemente da sua orientação política ou crenças religiosas. Fazendo assim alusão ao movimento ludismo que surgiu no século 19 onde trabalhadores ingleses começaram a se revoltar contra as máquinas alegando que essas eram a razão para a diminuição de emprego para eles. O surgimento cada vez mais visível na sociedade de Sentimentos insatisfação e agitação social são os motivadores que irá precipitar a formação de grupos radicais contra a tecnologia, criando em sua expansão, grupos terroristas, de acordo (Buezoc, 2019).

Além disso, outras possíveis causas deste tecnofobia são levantadas, como por exemplo, a alta desigualdade, o surgimento de cidades-estados, bem como o surgimento de novas tecnologias que irão gerar instabilidade política criando um cenário para a formação desses agrupamentos. A falta de emprego por conta da tecnologia é uma forte preocupação no contexto do surgimento de novos grupos que possam se apropriar do modus operandi dos grupos terroristas já existentes e usá-los para criar um não um novo jeito de fazer terrorismo, mas sim uma nova causa ou motivo para legitimar os atos terroristas que possam vir a surgir.

Dentro de 20 anos, modificações na economia, na sociedade e na política vão provocar novas insatisfações. Essas mudanças têm em comum a tecnologia. A robotização vai transformar toda a estrutura do mercado de trabalho, deixando muitas pessoas sem emprego. Ao mesmo tempo, haverá muita riqueza, que não necessariamente será distribuída de maneira igualitária. Acreditamos que alguns setores da sociedade serão tentados a apontar a tecnologia como a fonte de todos os seus males, transformando-a em um inimigo a ser combatido violentamente, com objetivo de voltar a uma situação anterior às mudanças. Imaginamos que a quinta onda de terrorismo terá caráter tecnofóbico e aglutinará correntes muito diversas, como religiosas, políticas e supremacistas. Todas elas terão o denominador de apontar a tecnologia como grande inimiga. Será inevitável que algum desses

grupos opte pela violência terrorista para interromper as mudanças. (Torres-Soriano, 2019, p. 2)

Nesta situação, os colaboradores especialistas em terrorismo salientam a importância do protocolo de prevenção para mitigar os possíveis efeitos da onda de terrorismo decorrente da tecnofobia. Eles lembram aos usuários que tanto as quanto a Internet em suas origens nasceram sem serem concebidas como ferramentas inseguras ou prejudiciais. No entanto, nos últimos anos têm aumentado os casos de roubo de dados através de ameaças à segurança cibernética, como já mencionado anteriormente aqui neste trabalho.

Como possível solução para evitar que chegue a este ponto, é sugerido que se dê um foco maior na humanização da sociedade e não na maquinização constante do ser-humano. Diminuir o foco na tecnologia e mostrar aos líderes globais com isto pode vir a afetar de forma mais concreta ainda a sociedade. O surgimento da inteligência artificial cada dia mais irá substituir empregos no mundo podendo gerar desta forma uma imensa revolta por parte da população global. A tornando um terreno fértil para que uma nova onda terrorista venha a surgir e com a força da própria tecnologia, este novo terrorismo passe a ser ainda mais intenso e organizado.

Abaixo, o quadro 5 mostra os países que mais perderão empregos com essa evolução tecnológica.

Imagem 3: Países com empregos ameaçados por Inteligência Artificial



Fonte: Reprodução Bloomberg Línea (2024)

10 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como intuito discutir o terrorismo desde sua origem no século 18 até agora no século XXI. Atravessando suas várias ondas e mostrando ao leitor como se organiza, se estrutura, se financia e se mantém vivo dentro do sistema internacional como um ator que contribui para que os estados estejam em constante mudança no quesito da sua segurança e sua política externa.

O conceito de ciberterrorismo presente no texto não traz apenas o conceito para o atual, mas também para o futuro, onde a tecnologia estará cada vez mais interligada ao estilo de vida do ser humano. Diante disso, apresentar uma possível nova onda do terrorismo por causa do avanço da tecnologia foi um ponto final importante para o nosso estudo.

Durante o texto ficou evidente que o terrorismo não é um conceito simples de descrever. É algo muitas vezes complexo e não tem como deixar claro o que seria considerado terrorismo em todos os casos. Mas com base nos autores expostos durante o trabalho conseguimos caracterizar uma boa parte do conceito e expor exemplos claros para que possamos estar atentos, principalmente no terrorismo dentro do ciberespaço que muitas das vezes é mais perigoso para nós que o próprio mundo físico. O surgimento de novas tecnologias, expostas ao longo do trabalho demonstram que o terrorismo está adentrando uma nova onda. Onda essa é cada vez mais tecnológica e menos fundamentalista.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. P. Gouveia. **Políticas de Combate ao Terrorismo em Portugal e Direitos Fundamentais**. [S. l.: s. n.], 2004.
- ASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**, tradução Maria Luiza X. De A. Borges; revisão Paulo Vaz, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BBC. Da pesca à violência extrema: a estratégia de mídia do Estado Islâmico. **G1**, Rio de Janeiro, 11 dez. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/10/da-pesca-violencia-extrema-estrategia-de-midia-do-estado-islamico.html>. Acesso em: 20 set. 2024.
- BECHARA, Fábio Ramazzini; MANZANO, Luis Fernando de Moraes, Crime Organizado e terrorismo nos Estados Unidos da América. *In*: FERNANDES, Antonio Scarance, MORAES, Maurício Zanoide *et al.* (coord.). **Crime organizado: aspectos processuais**. São Paulo, Revista dos Tribunais, 2009
- BIARD Michel. **Terror: A Revolução Francesa face a seus demônios**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/novo-livro-sobre-a-revolucao-francesa-examina-o-terror/>. Acesso em 20 set. 2024.
- BISHER, Jamie. *White Terror: Cossack Warlords of the Trans-Siberian*. London: Routledge. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/White_Terror.html?id=t8sdihXN47wC&edir_esc=y. Acesso em 20 set. 2024.
- BRASIL. **LEI Nº 13.260, DE 16 DE MARÇO DE 2016**. Regulamenta o disposto no inciso XLIII do art. 5º da constituição federal, disciplinando o terrorismo, tratando de disposições pág. 16 investigatórias e processuais e reformulando o conceito de organização terrorista; e altera as leis nº 7.960, de 21 de dezembro de 1989, e 12.850, de 2 de agosto de 2013. Brasília, DF, mar 2016.
- BRESSERS, B.; Hume, J. Message Boards, Public Discourse, and Historical Meaning: An Online Community Reacts to. **American Journalism**, [S. l.], 11 September, 2012.
- CAMERON, Betsy. 2015 Year in Review. **Meta**, [S. l.], 9 dez. 2015. Disponível em: <https://about.fb.com/news/2015/12/2015-year-in-review/>. Acesso em: 25 ago. 2024.
- CAVELTY, Myriam Dunn. The Militarization of Cyber Security as a Source of Global Tension. *In*: Wenger, Andreas; Möckli, Daniel; Mahadevan, Prem. **Strategic Trends Key Developments in Global Affairs**. Zurique: Center for Security Studies (CSS), 2012b. p. 103-124
- CEPIK, Marco. **Espionagem e democracia**. [S. l.]: FGV Editora, 2003.
- DALLAGNOL, Deltan Martinazzo. Financiamento do terrorismo. *In*: DE CARLI, Carla Verríssimo. **Lavagem de dinheiro: prevenção e controle penal**, Verbo Jurídico, Porto Alegre, 2011.
- DENNING, E.D. **Cyberterrorism. Testimony before the Special Oversight, Panel on Terrorism Committee on Armed Services, U.S. House of Representatives**,

2000. Disponível em: <http://www.cs.georgetown.edu/~denning/infosec/cyberterror.html>. Acesso em: 20 set. 2024.

DINIZ, Eugênio. Compreendendo o fenômeno do terrorismo. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ABCP*, 3., 2002, Niterói. **Anais** [...]. Niterói: Abcp, 2002

DRAKE, B. Many in U.S. followed Charlie Hebdo story closely, but past terrorista incidents abroad drew more attention. **Pew Research Center**. 12 jan. 2015.

GARDINI, M. B. Terrorismo no ciberespaço: o poder cibernético como ferramenta de atuação de organizações terroristas. **Fronteira**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25 e 26, p. 7-33, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3JIXRcC>. Acesso em: 20 set. 2024.

GONÇALVES, Joannisval Brito; REIS, Marcus Vinícius. **Terrorismo: conhecimento e combate**. Niterói, RJ: Impetus, 2017. 203p

HOFFMAN, Bruce. **Inside Terrorism**. New York : Columbia University Press, 2006.

LAQUEUR, Walter. A history of Terrorism. London: Routledge, 2017. Disponível em: https://api.pageplace.de/preview/DT0400.9781351315876_A30869470/preview-9781351315876_A30869470.pdf. Acesso em: 25 ago. 2024.

LEITE, A. M. X. F. A problemática da cibersegurança e os seus desafios. **CEDIS Working Papers**, Lisboa, n. 49, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3u5lpL1>. Acesso em: 20 set. 2024.

MILLER, Abraham H. “**The Evolution of Terrorism.**” **Conflict Quaterly**, Fall 1985. p. 5-16.

NAÍM, Moisés. **Ilícito: o ataque da pirataria, da lavagem de dinheiro e do tráfico à economia global**. Tradução Sérgio Lopes, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006

NASSER, Reginaldo. **O que move o Estado Islâmico? Carta na Escola**. São Paulo, Ed. 92, nov. 2014.

NOVAIS, R. A. Media e (Ciber) Terrorismo. Instituto da Defesa Nacional. **Nação e Defesa**, Lisboa, n. 133, p. 89-103, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3lInvg3>. Acesso em: 23 out. 2024.

NYE JR, Joseph S. **Cooperação e conflito nas relações internacionais**. [S. l.]: Editora Gente Liv e Edit Ltd, 2009.

PILLAR, Paul R. Os instrumentos do contraterrorismo. **Agenda da política externa dos EUA**, Washington, D.C., v. 6, n. 3, nov. 2001

PINTO, Edson. **Lavagem de dinheiro e paraísos fiscais**. São Paulo, Atlas, 2007.

RAINE, L. & Kalsnes, B. **The Commons of the Tragedy: How the Internet was used by millions after the terror attacks**. [S. l.: s. n.], 2001.

RAINIE, Lee; ANDERSON, Janna. Cyber Attacks likely to increase. **Pen Reserach Center**, [S. l.], 29 out. 2014. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/internet/2014/10/29/cyber-attacks-likely-to-increase/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

RAPOPORT, David. **Waves of global terrorism: From 1879 to the present**. Nova Iorque, NY, USA: Columbia University Press, 2022.

- ROLLINGS, John; THEOHARY, Catherine A. **Terrorist Use of the Internet: Information Operations in Cyberspace**. [S. l.]: Congressional Research Service, CRS Report for Congress, 2011.
- SAINT-PIERRE, Hector Luis. **Em torno de uma definição de "Terrorismo"**. 2005.
- SAVIANO, Roberto. **ZeroZeroZero**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- STERN, Jessica; BERGER, J. M. **ISIS: The State of Terror**. London: Afterwood, 2016.
- SUZUKI, Shin. A guerra cibernética paralela entre Rússia e Ucrânia . BBC News Brasil, São Paulo, 2 mar. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60551648>. Acesso em: 23 ago. 2024.
- TURRER, Rodrigo. Grupos terroristas reinventam seus métodos de agir. ÉPOCA, [S. l.], 29 JAN 2015. Disponível em: [.https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/01/bgrupos-terroristasb-reinventaram-seus-metodos-de-agir.html](https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/01/bgrupos-terroristasb-reinventaram-seus-metodos-de-agir.html). Acesso em: 25 ago. 2024.
- WEIMANN, Gabriel. Al-Qa ida's Extensive Use of the Internet. **Combating Terrorism Center**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2008. Disponível em: <https://ctc.westpoint.edu/al-qaidas-extensive-use-of-the-internet/>. Acesso em: 23 ago. 2024.
- UNODOC. United Nations Office on Drugs and Crime. The Use of Internet for Terrorist Purposes. United Nations, New York, 2012.
- VILLAMARÍN, Luis Alberto. **Conexion Al Qaeda: Del islamismo radical al terrorismo nuclear**, Madri: Ediciones Nowtilus, 2005,
- VISACRO, Alessandro. **Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da História**. São Paulo: Contexto, 2009
- BARTLETT, W. B. **História Ilustrada das Cruzadas**. [S. l. : s. n.], 2002.